



12

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DA SEGREGAÇÃO
SÓCIO-ESPACIAL: Um estudo sobre a cidade de São Carlos

Banca Examinadora:

Prof. Orientador _____

Prof. _____

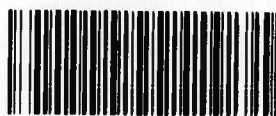
Prof. _____



Fundação Getúlio Vargas
Escola de Administração
de Empresas de São Paulo
Biblioteca

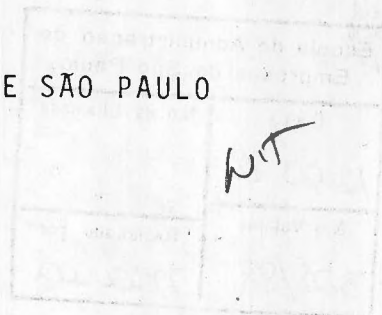


328/88



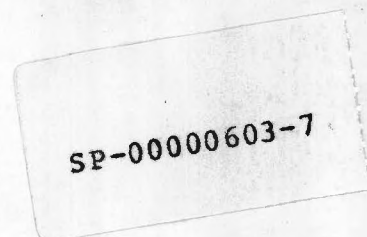
1198800328

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO
DA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS



REGINA DE CAMPOS BALIEIRO DEVESCOVI

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E DA SEGREGAÇÃO
SÓCIO-ESPACIAL: Um estudo sobre a cidade de São Carlos



Dissertação apresentada ao Cur
so de Pós-Graduação da EAESP/FGV
Área de Concentração: Adminis-
tração e Planejamento Urbano,
como requisito para obtenção do
título de Mestre em Administra-
ção.

Orientador: Prof. Luis Carlos
Bresser Pereira

Escola de Administração de Empresas de São Paulo	
Data	N.º de Chamada
16.03.88	711 (8)6.12
N.º Volume	Registrado por
328/88	D491 p maria

Diso
EAESP
2.2

711 : 338.924(8)6.12)

711 : 301.17(8)6.12)

3 :: 711

DEVESCOVI, Regina de Campos Balieiro. *O processo de produção do espaço urbano e da segregação sócio-espacial: um estudo sobre a cidade de São Carlos*. São Paulo, EAESP/FGV, 1985, p. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV, Área de concentração: Administração e Planejamento Urbano).

Resumo: Trata-se de desenvolver uma análise sobre o processo de urbanização na cidade de São Carlos e, no contexto dessa análise, de identificar os determinantes da passagem de um padrão de moradia popular a outro, em um momento histórico de destruição da hegemonia agro-exportadora e de início e consolidação da industrialização.

Palavras-Chave: Urbanização - Industrialização - Produção do Espaço Urbano - Força de Trabalho - Reprodução da Força de Trabalho - Segregação sócio-espacial - etc...

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	3
COMPLEXO CAFEIEIRO E ESTRUTURAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO	
1. Ocupação inicial da região: situação anterior à <u>chega</u> da do café	
2. A cafeicultura impulsionando a dinamização e integra- ção regional dos movimentos econômicos e populacionais e gerando a força de trabalho	
3. A cafeicultura promovendo o estreitamento da relação cidade campo	
4. A cafeicultura e a produção do espaço urbano	
CAPÍTULO II	53
O COMPLEXO CAFEIEIRO SE TRANSFORMANDO DA CAFEICULTURA À INDUSTRIALIZAÇÃO	
1. Modificações nas atividades rurais e na forma de <u>ocu</u> pação da terra	
2. Movimentos populacionais e força de trabalho	
3. Em direção à hegemonia das atividades econômicas ur- banas	
4. População e produção do espaço urbano	
CAPÍTULO III	81
INDUSTRIALIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO	
1. Entorno rural e relação cidade campo	
2. Importância crescente da indústria	
3. População e força de trabalho urbanas	
4. A produção do espaço urbano	
BIBLIOGRAFIA	93

INTRODUÇÃO

O campo empírico de investigação desse trabalho, se assenta na cidade de São Carlos. E o objeto concreto de análise são as condições de ocupação do espaço urbano pelas camadas populares, nos momentos históricos de destruição da hegemonia agro-exportadora e de início e consolidação da industrialização.

Os objetivos do trabalho são o de delinear a constituição/reconstituição dos espaços de moradia das camadas populares dos quais resultaram as condições necessárias para o desencadeamento de um padrão de moradia popular socialmente segregada no espaço. Em outras palavras, trata-se de detectar os determinantes da passagem de um padrão de moradia popular calcada tanto nos subsídios governamentais quanto na atuação direta do capital industrial e imobiliário na produção das condições necessárias à reprodução da força de trabalho, para um padrão de moradia ou resolvido empresarialmente (via S.F.H.) ou lastreado na aliança da propriedade do lote com a precariedade das habitações (auto-construídas) e das condições urbanas.

Por outro lado, o universo de manifestação dos processos acima apontados, será analisado a partir da dinâmica de produção e reprodução do espaço social urbano local, enquanto movimento reflexo (embora também impulsionalizador de transformações) dos fatores determinantes do processo de estruturação/reestruturação desse espaço. Entende-se sucintamente, por espaço social urbano, o espaço físico territorial como esfera de apoio às atividades que se desenvolvem e se desdobram a partir de determinações econômicas, políticas e sociais e enquanto esfera mediaticizada por essa dinâmica e pela forma pela qual a população produz, reproduz e se distribui por esse espaço.

Enfim, pretende-se que o presente trabalho traduza em uma contribuição para o entendimento do processo de urbanização em São Carlos; processo entendido e desenvolvido aqui, como um movimento relacionado diretamente às transformações na organização do espaço pela população e às transformações na dinâmica produtiva.

CAPÍTULO I

COMPLEXO CAFEEIRO E ESTRUTURAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO

1. OCUPAÇÃO INICIAL DA REGIÃO: SITUAÇÃO ANTERIOR À CHEGA DA DO CAFÉ

A ocupação e exploração da região onde hoje se encontra o município de São Carlos se deu no contexto dos movimentos de penetração e conquista do território paulista.

Esse processo de ocupação se desenvolveu no sentido leste-oeste, assim como ocorreu em todo o território brasileiro, e pode ser apreendido em linhas gerais a partir de três momentos históricos de constituição dos núcleos urbanos¹. O primeiro momento iniciou-se nos primórdios da colonização e estende-se até à implantação definitiva da cafeicultura, enquanto produto economicamente hegemônico. Nessa etapa, a ocupação do solo paulista caminhou, a partir do litoral no século XVI, para o Vale do Paraíba no século XVII, e para o interior do território paulista até Sorocaba (fins do século XVII), Campinas, Piracicaba e Mogi Mirim no século XVIII. O segundo momento marcado pela economia cafeeira, inicia-se no último quartel do século passado e estende-se até a crise de 29. Nessa etapa consolidou-se o povoamento da área anteriormente referida, e a marcha da ocupação do Estado de São Paulo prosseguiu em direção ao Oeste Paulista. No terceiro momento, correspondente à transição da economia de base agrária para a economia industrial, conclui-se a marcha da ocupação do Estado de São Paulo. Nesse estágio,

¹ Sobre a periodização acima referida e os movimentos gerais relativos ao processo de ocupação e de criação dos núcleos urbanos no território paulista, articulados à dinâmica econômica, foi consultado: OHTAKE, Maria Flora Gonçalves. *O processo de urbanização em São Paulo: dois momentos, duas faces*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, 1982. Trabalho mimeografado. p.21-51. A autora remete para uma bibliografia específica sobre o tema.

"a ocupação era movida pela estrutura original da pelo complexo cafeeiro, mas não era mais o café a atividade dominante. Este passo é mais nítido até cerca de 1940, mas se encerra definitivamente na década de 50."²

A constituição do núcleo urbano de São Carlos ocorreu no segundo momento, embora o povoamento da região tenha se iniciado nos quadros da antiga ocupação do território paulista.

A região que atualmente constitui o município de São Carlos localiza-se nas bordas do planalto ocidental paulista.

"A cavaleiro da chapada, em altitudes que se elevam a novecentos e mil metros, as terras são-carlenses debruçam-se em linhas de escarpas sinuosas, fendidas às vezes pelos cursos d'água que descem para a depressão periférica circundante, trezentos e mais metros abaixo. Os seus fronts escarpados, voltados para o sudeste, apresentam-se irregulares e flexuosos, formando curiosas figuras geológicas, mesas, piões e cuscuzeiros... Os vales dos rios, que correm para o sertão pela depressão periférica, serviram como corredores naturais de penetração, através de seus campos e cerrados. Assim, já nos setecentos, o 'caminho da mata' na direção do sul e o 'caminho do Aranguera' para Goiás eram vias de penetração, pontilhadas de povoados ou lugares de pouso."³

Tudo consta que essa área já era conhecida desde os fins do século XVII e com a denominação de "*Campos ou Sertões de Araraquara*."⁴

² OHTAKE, M.F.G. *O processo de urbanização em São Paulo...* p.24

³ NEVES, Ary Pinto das. *O jardim público de São Carlos do Pinhal*. São Carlos, Fundação Theodureto Souto, EESC USP, 1983. p.1-3

⁴ BRAGA, Cincinato César da Silva. Contribuição ao estudo da história e geografia da cidade e município de São Carlos do Pinhal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro ():167, / .., 195 . Ver também CAMARGO, Theodorico Leite de Almeida. Breve notícia histórica e geográfica sobre a cidade e município de São Carlos. In: *Almanach de São Carlos*. São Carlos, Typ. J. Augusto, 1915. p.X. Org. Sebastião Camargo. Os "campos ou sertões de Araraquara" compreendiam toda a área hoje ocupada pelo município de São Carlos, Araraquara, Rio Claro, Brotas e Descalva do.

Na verdade, esse território foi descoberto no contexto da onda mineradora da segunda metade do século XVII, momento em que o ponto de embarque e desembarque dos viajantes, na direção das minas ou do litoral, era Itu e Jundiaí - as cidades mais afastadas do litoral - e Porto Feliz - à margem do Rio Tietê.

Em fins do Século XVIII, além do caminho de São Paulo por Curitiba, Mogi-Guassu até o território mineiro e goiana, foi aberta pelo Governo Provincial, uma via de penetração partindo de Piracicaba e passando pelas terras dos atuais municípios de São Carlos e Araraquara, até atingir a região das minas em Cuiabá.

Tendo como referencial, portanto, as ligações várias em direção ao sul da Província e a Goiás - abertas com os objetivos de escoar o produto vindo das áreas mine^radoras e de desbravar uma região de "*campos e pastagens naturais*"⁵ propicia a ocupação - foram sendo instalados em pequenos estabelecimentos pecuários e agrícolas que abasteciam as tropas na direção das minas e a região do açúcar, ao sul⁶.

Os primeiros habitantes que ocuparam a região eram "*homens desprotegidos de fortunas*"⁷ que adquiriam a posse das terras por mera ocupação e que desenvolviam ati^vidades de subsistência: cultura de feijão, arroz, milho e cana de açúcar e criação de bovinos e suínos. Os princi^pais produtos comercializados eram o gado suíno e bovino e o toucinho, os quais eram vendidos aos tropeiros, aos habitantes da região açucareira ao sul, e finalmente con^duzidos a São Paulo e Santos, de onde retornavam alguns produtos não fabricados na povoação (sal, ferragens, lou-

⁵ CORREIA, Ana Maria Martinez. Apud KERBAUY, Maria Teresa Micelli. *Poder político local: do coronelismo ao populismo, um estudo de caso: São Carlos*, São Paulo, PUC, 1979. (Tese de mestrado). p.25

⁶ Sobre o processo de expansão da cana de açúcar no Estado de São Paulo foi consultado PETRONE, Maria Theresa S. *A lavoura canavieira em São Paulo*. São Paulo, DIFEL, 1968. A atividade canavieira aí desenvolvida, até o final do século XVIII, era delimitada pelos municípios de Sorocaba, Mogi Guaçu e Campinas.

⁷ BRAGA, C.C.S. *Contribuição ao estudo da...* p.165.

ça, etc). Além dessas atividades também havia, em menor escala, a produção de cana de açúcar, et, em pequena escala,

"a indústria de tecidos de pano grosso de algodão, que era vendido em rolos para saccos, lençoes de enxugar assucar e roupas de escravos." ⁸

Por outro lado, ainda em fins do século XVIII, uma notícia sobre a existência de ouro na região, motivou vários pedidos de concessão de sesmarias por parte de cidadãos de Itu e Porto Feliz, os quais requereram concessões de vastas extensões de terra. Estes, ao contrário dos primeiros habitantes da área, detinham todos os meios de obter a ocupação legal de porções territoriais, pois em função de sua origem de classe, tinham amplo acesso ao processo de concessão de cartas de sesmaria. Todavia, como não foi encontrado o ouro, esses proprietários, abandonaram as suas terras para retornarem posteriormente, no século XIX, quando a atividade cafeeira se projetou na economia nacional. ⁹

Em suma, a organização sócio-territorial da área, no século XVIII, se pautava pela ocupação extremamente rarefeita de uma população de posseiros que desenvolvia sobretudo atividades agrícolas e criatórias de subsistência e que

"não raro... alienavam seus direitos possessórios a outrem, que melhores elementos tivessem para obter carta de sesmeiro." ¹⁰

O início da ocupação legal de terras no atual mu

⁸ CAMARGO, T.L.A. Breve notícia histórica e geográfica sobre a cidade e município de São Carlos. *Almanach de São Carlos*. São Carlos, Typ.J. Augusto, 1915. p.XI.

⁹ Conf. LORENZO, Helena Carvalho de. *Origem e crescimento da indústria na região "Araraquara-São Carlos" (1900-1970)*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP, 1979. (Tese de mestrado). p.27

¹⁰ BRAGA, C.C.S. *Contribuição ao estudo da...* p.165.

nicípio de São Carlos, se deu exatamente em fins do século XVIII, na esteira das perspectivas da existência de ouro na região. Assim, foi nesse sentido que as três sesmarias que iriam constituir o município de São Carlos foram adquiridas.

Percebe-se que, tão logo as sesmarias foram distribuídas e constituídas, teve início a especulação de terras. Foram vendidas grandes extensões para compradores que ou estabeleciam lavouras, ou - sobretudo - revendiam-nas ou as "congelavam".¹¹

A primeira carta de sesmaria, na região do atual município de São Carlos, foi concedida em 1781, ao cirurgião-mor do Regimento de Voluntários de São Paulo, Manoel Martins dos Santos Rego, que a comprou do capitão-general Martins Lopes Lobo Saldanha, então Governador da Província. As três léguas de terras concedidas, foram vendidas em 1786 ao sargento-mor da Vila de Itu, Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho. Essa porção territorial correspondia ao núcleo da Sesmaria do Pinhal que, fundindo-se a mais duas glebas obtidas anteriormente pela família Arruda Botelho comporiam a área demarcada judicialmente em 1831, por Antonio Carlos de Arruda Botelho, filho do sargento mor¹². Essa gleba iria conter, futuramente, o marco inicial da cidade e a sua porção meridional.

A Sesmaria do Monjolinho, no vale do atual córrego do Monjolinho, foi demarcada judicialmente em 1811, e depois de ser transferida a vários proprietários, pertenceu, nos anos iniciais do processo de urbanização de São Carlos, ao imigrante do sul de Minas, João Alves de Oliveira. Essa gleba se localizava onde futuramente se situaria a parte setentrional da cidade.

A Sesmaria do Quilombo se localizava no atual Distrito de Santa Eudóxia, próxima ao Ribeirão dos Negros. Ela se situava em uma área habitada por negros fugidos da escravidão e foi apossada no final do século XVIII pelo

¹¹ - A propriedade fundiária era o investimento mais seguro no momento: não eram taxadas e nem atingidas pela inflação conf. OHTAKE, M.F.G. *O processo de urbanização em São Paulo...* p.92

¹² Posteriormente Jesuíno José Soares de Arruda tornou-se proprietário de parte dessa gleba, e participou ativamente da fundação da cidade de São Carlos.

Padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, de Piracicaba. Este conseguiu a sua propriedade legal e demarcação judi-cial em 1812, vendendo-a logo em seguida, ao capitão Demétrio José Xavier.¹³

Por outro lado, no início do século XIX, a decadência da mineração provocou a volta da população paulista e a emigração de mineiros para a Província de São Paulo. Essa população, e também alguns fazendeiros paulistas vindos de centros urbanos mais antigos, foi, em parte, atraída pela onda açucareira que até então vinha se desenvolvendo na área delimitada pelos municípios de Sorocaba, Mogi-Guaçu e Campinas, iniciando um processo de interiorização no sentido Norte e Oeste da Província.

Contudo, a atividade de produção e comercialização interna e externa da cana de açúcar e seus derivados pelo Porto de Santos, não atingiu a mesma importância que nas áreas anteriormente assinaladas, pois inexistiam ligações viárias adequadas para o escoamento do produto. Todavia, a materialização de algumas tentativas isoladas acabou por transformar a formação de povoações, logo posteriormente transformadas nos municípios de São Bento de Araraquara (1817), São João do Rio Claro (1823), Belém do Descalvado (1827) e Brotas (1829).

No que diz respeito ao município de São Carlos a cultura da cana de açúcar parece não ter tido nenhuma significação econômica relevante.

"Pouco se falou especificamente sobre a cultura da cana de açúcar, a não ser no documento acima (Relatório encaminhado pela Câmara Municipal à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1891), o que evidencia a sua importância secundária embora todos tivessem sua lavoura de cana, apenas para o gasto... Sabe-se contudo que João Alves de Oliveira, proprietário da Sesmaria do Monjolinho, teve um engenho em suas terras e seus derivados, artigos que eram vendidos apenas no município... A cultura não contribuiu em nada para a evolução econômica do município."¹⁴

¹³ Sobre a constituição das três sesmarias, conf. NEVES, A. P. *O jardim público de...* p.6-8.

¹⁴ DAMIANO, Otávio. *O café e os italianos no desenvolvimento de São Carlos*. São Carlos, s.c.p., 1970. p.8

Tudo indica, com efeito, que a região do atual município de São Carlos, ao contrário das áreas próximas circundantes, não foi palco nesse momento da lavoura cana vieira. Talvez porque a composição de arenito da maior parcela de suas terras, não sendo favorável ao cultivo da cana, se colocava como sério obstáculo - em um momento em que o avanço das técnicas agrícolas era ainda bastante incipiente.

Na verdade, o solo de tipo arenoso e de baixa coesão corresponde a 61,6% da área em estudo enquanto que as manchas de terra roxa (com graus variáveis de fertilidade) correspondem a 31,6% ¹⁵.

A efetiva fixação do homem, na região, foi determinada pela chegada da lavoura do café.

Consta que foi Antonio Carlos de Arruda Botelho (filho do sargento-mór) quem plantou o primeiro cafezal na área, por volta de 1840. Este, quando morador em Piracicaba e posteriormente em Araraquara, dedicara-se à lavoura da cana de açúcar nesses municípios e à atividade de pecuária na Fazenda do Pinhal. Foi exatamente nesse contexto em que se iniciou também a exploração de outras fazendas próximas para o plantio do café, que o núcleo, em terras da Sesmaria do Pinhal, começou a se formar. Em 1844, de acordo com o inventário de falecimento da esposa de Carlos José Botelho existiam 3.000 pés de cafezal "dando frutos" e outros 2.000 "novos".

Contudo, a lavoura cafeeira encontrava sérias dificuldades para a sua expansão e não se afirmara ainda, na região, como produto exclusivamente comercial. Na verdade, os obstáculos encontrados refletiam os problemas do conjunto da economia cafeeira, e se traduziam, sobretudo, na pouca disponibilidade de mão de obra e no isolamento e distância desse núcleo dos centros exportadores.

Por um lado, tudo indica que a mão de obra escrava era insuficiente, e que a população livre (os posseiros), que habitavam esparsamente a região, preferia con-

¹⁵

BJORNBERG, Alfredo J.S. & TOLENTINO, Mário. Contribuição ao estudo da geologia e águas subterrâneas de São Carlos. *Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia*, 8 (2): set.1959.

tinuar se dedicando às atividades agrícolas de subsistência e à criação de gado, para a produção de leite e derivado; produtos comercializados na própria região. Por outro lado, inexistia uma rede viária que proporcionasse um adequado escoamento de café para os núcleos urbanos mais centrais.

Assim, a lavoura cafeeira teve uma expansão bastante lenta na região. Ela foi se infiltrando nas fazendas de pecuária, "as quais aos poucos foram se transformando em fazendas mistas."¹⁶

A transformação do café em lavoura comercial começou a acontecer após 1860, quando alguns fazendeiros empreenderam algumas iniciativas individuais com o objetivo de solucionar dificuldades referentes à escassez da mão de obra¹⁷. Todavia, a cultura cafeeira só se tornou a principal atividade da região a partir de 1884, com a chegada da ferrovia e de um contingente crescente de mão de obra estrangeira para trabalhar na lavoura.

De qualquer forma, a importância gradativamente crescente das fazendas de café, gerando as necessidades de um centro, próximo, de apoio a comercialização do produto e, sobretudo, a captação de produtos importados, e ao estabelecimento de trocas com outras regiões próximas, criaram as condições que, aliadas ao poderio econômico e político dos fazendeiros da região e, em particular, da Família Botelho¹⁸ foram suficientes para o surgimento de um novo núcleo urbano.

¹⁶ LORENZO, H.C. *Origem e crescimento da indústria...* p.31

¹⁷ Em 1876, Carlos de Arruda Botelho financiou a vinda, para a região, de 100 famílias alemãs. Conf. LORENZO, H.C. *Origem e crescimento da indústria...* p.32

¹⁸ O Tenente-Coronel Antonio Carlos de Arruda Botelho (Conde do Pinhal) foi eleito no triênio de 1857 a 1860 vereador da Câmara de Araraquara e devido a maioria de votos exerceu a sua presidência. Posteriormente, foi eleito e reeleito deputado provincial e, logo em seguida, deputado geral; além de ter presidido o Banco de São Paulo e o Banco de Piracicaba e ter sido um dos maiores incorporadores do Banco União de São Carlos. Conf. BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda. *Grandes de corpo e alma. Fundadores da cidade.* São Paulo, Cúpolo, 1956.

Assim próximo ao local de pouso dos viajantes, entre as atuais Rua Episcopal - por onde passava a estrada que ligava Piracicaba a Araraquara e São José do Rio Preto até Cuiabá - e Avenida São Carlos, foi enquadrado o pátio, onde se ergueria a capela, "o bioplasma da vida orgânica de todas as grandes cidades do Brasil."¹⁹

A capela começou a ser construída em 1856, e com ela surgiram aproximadamente 50 ranchos de madeira cobertos de sapê e as primeiras casas de telhas pertencentes ao Conde do Pinhal, as quais se distribuíram a partir do marco inicial da cidade (a capela) em direção ao sul, até o Córrego do Gregório.

Em 1857, com a conclusão da capela, por proposição da Câmara Municipal de Araraquara e com a instituição do patrimônio de São Carlos, foi criado o Distrito de Paz de São Carlos do Pinhal, o qual foi elevado à categoria de Vila em 1865, termo em 1866 - quando foi desmembrado do território de Araraquara, passando ambos a pertencer ao município de Rio Claro - e Município em 1880.

Durante esse período - de fundação da cidade até o momento de transformação da lavoura cafeeira em principal atividade econômica - São Carlos passou por um processo bastante significativo de crescimento populacional e de diversificação social de sua população.

Na verdade, uma das formas que o grupo social dominante encontrou para iniciar o processo de constituição do núcleo urbano foi o de doar terras, ao redor do marco inicial, a quem se dispusesse a construir casas próprias de moradia.

Essa iniciativa, aliada à perspectiva de desenvolvimento da cultura cafeeira, gerou um afluxo considerável, de comerciantes e profissionais liberais - além de alguns fazendeiros da região - que passavam a fixar residência no nascente núcleo urbano. Tudo indica que essa população era originária das vilas próximas às áreas efetivamente produtoras de café, ao sul do Estado, e afluíam à região de São Carlos na esteira mesmo da ampliação da fronteira agrícola; reinvestindo, em terras novas, os excedentes produzidos no contexto da economia cafeeira.

Com efeito, adquirindo os títulos de propriedade, originários das sesmarias, expropriavam os posseiros, os quais eram expulsos ou submetidos a regimes de arrendamento. Expulsos, os pequenos lavradores adentravam o interior despovoado, dando continuidade assim ao processo de desbravamento e exploração de territórios onde posteriormente se implantaria a "grande lavoura cafeeira."²⁰

Em 1874, o município de São Carlos contava com 6897 habitantes, dos quais 1568 eram escravos. Já em 1866, lá havia 16104 habitantes, sendo 2982 escravos. Assim, de 1874 a 1886, o crescimento demográfico foi de 133,5%²¹.

Por outro lado, a população urbana se compunha basicamente, até o início do último quartel do século passado, da burguesia agrária e de uma camada social intermediária de comerciantes e profissionais liberais parte dos quais era também proprietária de pequenas e médias fazendas. Em 1858, segundo consta na Lista de Qualificação de Votantes do mesmo ano, essa população estava disposta em 7 quarteirões e compunha-se de 210 eleitores, sendo que cada eleitor correspondia a uma família²². Em 1881, segundo o Relatório encaminhado pela Câmara Municipal à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a população residente na cidade era de 1500 habitantes. Embora a população urbana tivesse crescido em proporções bastante inferiores à população total do município, se deu a criação, em 1858 de uma Cadeira de Primeiras Letradas, em 1868, o início da construção da nova Igreja Matriz.

Vale salientar ainda que o núcleo inicial da cidade de São Carlos constitui por intermédio de 4 doações de terra. Até 1865 a área urbana compunha-se de três doações efetuadas por três grandes fazendeiros da região: Antonio Carlos de Arruda Botelho; Jesuino Soares de Arruda e Alexandrina Alves de Oliveira. Em 1889 foi feita a última

²⁰

Conf. MARTINS, José de Souza. Frente pioneira: contribuição para uma caracterização sociológica. In: *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira, 1975.

²¹

Conf. MELO, Vilmo Guimarães. *A imigração italiana e a transformação da estrutura econômica social do município de São Carlos*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1975. p.118.

²²

Conf. FERRAZ, Maria Cecília. *São Carlos e sua fundação* São Carlos, 1957. p.34

doação por Joaquim Alves de Souza Nery.

Assim, o impulso da constituição inicial da cidade de São Carlos acompanhou a dinâmica econômico-social do Estado de São Paulo, o qual começava a se pautar, nesse momento, pela decisiva interiorização da população; pela marcha da lavoura cafeeira em direção do oeste, à procura de terras novas e férteis; e a apontar, enfim, para um mercado regional de força de trabalho e de consumo e, para todo um processo de criação massiva de cidades, e de estruturação da rede urbana no território paulista.

2. A CAFEICULTURA IMPULSIONANDO A DINAMIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO REGIONAL DOS MOVIMENTOS ECONÔMICOS E POPULACIONAIS E GERANDO A FORÇA DE TRABALHO.

A lavoura cafeeira no município de São Carlos se transformou na principal atividade econômica da região, a partir de 1886, atingindo o ápice em 1920.

A cultura do café chegou à região onde São Carlos está inserida, no contexto dos movimentos de penetração do café pelo interior do território paulista, em direção ao oeste.

Com efeito, o processo de ocupação do Estado de São Paulo, articulado ao complexo cafeeiro, ocorreu por intermédio do avanço da fronteira agrícola e paralelamente, pela criação de núcleos urbanos, que logo se transformavam em novos municípios.

Assim, a produção cafeeira, como centro dinâmico da atividade exportadora, chega ao Vale do Paraíba e algumas áreas do litoral norte, na primeira metade do século XIX, atingindo a região do "Oeste do Estado", mais próxima de São Paulo, no segundo quartel do século passado; e daí, percorrendo o eixo Campinas-Ribeirão Preto, para, em seguida, dar continuidade à sua marcha em direção ao "Oeste Pioneiro".

Em todo esse percurso, o impacto urbanizador do café vai ocorrendo de uma forma crescente. De 1880 até a crise do começo deste século, que vai de 1897 até por vol

ta de 1910-11, o total de municípios no Estado de São Paulo aumentou em 60%. E de 1910 até a crise da economia cafeeira em 1929, houve um aumento de 52%, totalizando 245 municípios, contra 100 criados até 1879, no território paulista²³.

Todavia, a produção cafeeira não se distribuiu homogeneamente pelo território paulista. O esgotamento do solo ocasionado pelo desmatamento e queimadas sem qualquer preocupação de adubagem, vinculado à grande quantidade de terras ainda inexploradas, exigia que a lavoura cafeeira caminhasse desenfreadamente à procura de terras novas e férteis. Dessa forma, o roteiro do café compreendia: algumas parcelas territoriais pioneiras, onde a lavoura cafeeira estava se introduzindo; uma região em que ela já estava constituída e era plenamente produtiva; e áreas onde a cultura já estava decadente, cujo solo já se encontrava plenamente esgotado.

Por outro lado, vale aqui esclarecer que o efeito urbanizador do café não se explica pelas técnicas adotadas no processo de beneficiamento do produto. Esse processo, durante todo o período de auge da economia cafeeira de exportação no "Oeste Paulista", era bastante sumário e se dava na própria fazenda.

"Procedida a colheita, o café passa por um tratamento industrial que pode ser por 'via seca' (no terreiro) e 'via úmida' (nos lavadores).

A unidade de produção responsável pela economia cafeeira é a fazenda: um complexo de plantações uniformes, separadas por carreadores, terreiros de secagem, instalações específicas, benfeitorias e máquinas, direção e força de trabalho que basicamente permaneceu o mesmo ao longo da maior parte da história do café."²⁴

Além disso, as fazendas de café eram relativamente auto-suficientes. Não necessitavam imediatamente das

²³ Conf. DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. *Quadro demonstrativo do desmembramento dos municípios. Quinquênio 1954-1958*. 6.ed. São Paulo, 1954.

²⁴ LAPA, José Roberto do Amaral. *A economia cafeeira*. São Paulo, Brasiliense, 1983. p.60-1.

idades para reproduzirem o processo de produção aí inter
namente desenvolvido. Para isso, bastariam apenas peque-
nos núcleos urbanos de apoio para o armazenamento e poste
rior escoamento do produto.

"As fazendas maiores possuíam sua enfermaria
e botica com largo emprego de medicina rústica.

Um quadro de profissionais qualificados, como boticário, sapateiro, serralheiro, mecânico, colcheiro, alfaiate, barbeiro, parteira, seleiro e ferreiro atendia à comunidade. Esses profissionais, muitos escravos, ofereciam o suporte dos seus serviços, artesanato e manufatura, para suprir as necessidades...

Com o trabalho livre e a consequente comercialização do excedente da subsistência e/ou importação de cereais e manufaturas de fora, as fazendas passaram a ter a 'venda', recinto onde se conservavam, expunham e vendiam mantimentos, tecidos e toda uma variedade de utensílios domésticos, que os colonos adquiriam a crédito." ²⁵

Como se explica portanto, o efeito urbanizador do café?

(Esclarecendo que esse efeito urbanizador não se traduz apenas no processo de criação de idades, mas também, e sobretudo, na dinamização/urbanização acelerada desses núcleos; embora, com a partida do café, alguns tenham desaparecido e outros tenham se imobilizado²⁶).

A resposta a essa pergunta não se encontra, com efeito, na identificação das atividades urbanas diretamente ligadas à produção física do café e única e simplesmente na organização interna das fazendas. Mas ela deve ser recolocada à luz de análises que tentem apreender todo o processo de geração e reprodução do complexo cafeeiro, em quanto movimento articulado a uma modificação nas relações sociais de produção e nas suas repercussões sobre a organização da sociedade e a estruturação do espaço.

²⁵ LAPA, J.R.A. *A economia...* p.68-9

²⁶ Conf. PADIS, Pedro Calil. *Agricultura e urbanização no Brasil*. São Paulo, Projeto AOU-FUNDAP, 1978. Trabalho mimeografado.

Embora não haja intenção de aprofundar esse tema aqui²⁷, é necessário, para melhor localizar o objeto de a nálise do presente trabalho, levantar algumas pistas para a compreensão da problemática acima apontada.

O processo inicial de constituição e urbanização de cidades no Estado de São Paulo, bem como o de estruturação e consolidação de sua rede urbana, foi em muito relacionado com uma dinâmica de internalização do capitalismo, de generalização da mercadoria, exatamente no momento em que a atividade condutora da economia do país era a produção e comercialização do café.

É nesse momento, e não durante a monocultura do açúcar, como principal produto brasileiro de exportação, que parcela considerável do sobreproduto gerado internamente, permanece no território de origem, retornando ao espaço de produção do café ou sendo investido em outros setores direta ou indiretamente rentáveis (as ferroviárias, os equipamentos coletivos urbanos, os bancos, etc). Toda essa dinâmica acaba por impulsionar uma metamorfose de bens e serviços em mercadoria, a qual acaba por perpassar, transformando, tanto a relativa estabilidade dos nascentes núcleos urbanos, quanto a relativa auto-suficiência das fazendas.

Por outro lado a formação de um contingente de trabalhadores "livres" (os imigrantes europeus), afluindo particularmente às fazendas de café, mas também e, crescentemente aos núcleos urbanos, acaba por selar aquilo que é atributo básico das cidades: a sua condição de mercado de trabalho.

Assim, sem essas considerações prévias não dá para entender a importância da economia cafeeira aqui no Brasil, e, particularmente no estado, como motor propulsor da urbanização, e da integração físico territorial das cidades, por intermédio da intrincada malha viária que co

27

Sobre esse assunto foram consultados CAMARGO, Azael Rangel et alii. Nota introdutória sobre a construção de um estudo: o urbano. *A questão urbana e os serviços públicos*. Estudos FUNDAP nº 1. São Paulo, 1983; OLIVEIRA, Francisco de. O estado e o urbano no Brasil. *Espaço & Debates*. São Paulo, Cortez Ed., nº 6; 36-54, jun./set.1982; PADIS, P.C. *Agricultura e urbanização...*

meço y a se constituir concomitantemente a marcha da lavou
ra cafeeira.

*
* *
*

Em linhas gerais, a dinâmica de urbanização em São Carlos foi determinada, no momento de predomínio da economia cafeeira, pelos processos acima apontados. Essa dinâmica foi um produto dos movimentos de ocupação do solo paulista pelo complexo cafeeiro, das transformações havidas na divisão social do trabalho e do espaço, além de ter sido desestruturada/reestruturada quando da "partida" da lavoura cafeeira, em direção a outras paragens.

As fazendas locais de café situavam-se em áreas ao redor, mas não próximas, do núcleo urbano, ocupando grande parte das poucas faixas de terra roxa existentes no território do município. Dessa forma, a lavoura cafeeira ocupou as manchas de grande fertilidade, localizadas nos vales do Ribeirão dos Negros, Ribeirão dos Quilombos e do Jacaré-Guaçú, e as faixas de menor amplitude a noroeste da Água Vermelha (atual distrito de São Carlos) (Ver mapa nº 1).

Por intermédio de um levantamento geral do meio rural são carlense, em 1890-1899, efetuado pelo Clube da Lavoura²⁸ do município (ver tópico seguinte p.), constatou-se que as suas terras rurais tinham a seguinte composição²⁹ :

Terras altas de 1. ^a , em matas	4.170	alqueires
Terras altas de 2. ^a , em matas	4.690	alqueires
Terras baixas de 1. ^a , em matas	2.600	alqueires
Terras baixas de 2. ^a , em matas	1.650	alqueires
Capoeiras	2.450	alqueires
Campo	17.840	alqueires
Terras cultivadas	15.000	alqueires
Pastagens	5.200	alqueires
Total	53.600	alqueires

²⁸ Conf. ESTATÍSTICA Agrícola de São Carlos do Pinhal, organizada pelo Club da Lavoura. 1899. *Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo*, 15(161):1017-28, jul.1940, p.1018

²⁹ Aí se encontram incluídas as áreas do atual município de Ibaté, na aquele momento distrito de São Carlos, juntamente com Santa Eudóxia (o qual se mantém até hoje, na categoria de distrito).

Percebe-se com efeito, que apenas 21.770 alqueires, ou seja, 40% do total das terras municipais eram mais proícias à lavoura. Os restantes 31.830 alqueires eram compostos por "terras de 2.^a", capoeiras e campo, ou ocupados epla atividade da pecuária.

Por outro lado, como já foi evidenciado, foi a partir de 1886 que a lavoura comercial do café se consolidou na área. Essa consolidação se deu porque a partir desse momento a produção do café iria suplantá-lo, durante um período, a de todos os demais gêneros agrícolas.

Os dados apresentados na tabela abaixo constataam as afirmações acima apontadas.

II.1. PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO EM 1899

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR TOTAL
CAFÉ	1.200.000 (arrobas)	9.600:000\$000
MILHO	450.000 (alq. 50)	1.125:000\$000
ARROZ	7.000 (alq. 50)	175:000\$000
FEIJÃO	44.000 (alq. 50)	220:000\$000
BATATA INGLESA	400 (alq. 50)	2:400\$000
BATATA DOCE	550 (alq. 50)	3:300\$000
AGUARDENTE	330 (pipas)	66:000\$000
FUMO	80 (arrobas)	4:000\$000
FARINHA DE MANDIOCA	3.500 (alqueires)	35:000\$000
POLVILHO	950 (alqueires)	28:000\$000

FONTE: *Estatística Agrícola do Município de São Carlos do Pinhal*, organizada pelo Club da Lavoura, 1899.

Em 1886, embora a produção agrícola cafeeira local já tivesse ultrapassado os outros produtos agrícolas locais, ela era ainda inexpressiva para o conjunto da produção do Estado de São Paulo e da Zona da Paulista, onde São Carlos está inserida. Com efeito, a área estudada produziu 66.667 andares, contribuindo com apenas 2,71% do to

tal da Paulista³⁰. Entretanto, entre 1886 e 1899, com a plantação de 27.200.000 pés de café, totalizando 37.048 cafeeiros, a produção em 1899 atingiu 1.200.000 arrobas, de tal forma que em 1905 a produção cafeeira do município de São Carlos participou com 14.80% do total produzido na Paulista; em 1920 com 16,71% e em 1935, com 7,54%³¹.

Entretanto, após 1900 cessou a expansão dos plantios no município. Pelo contrário, em 1915 havia 22.664.500 pés e, em 1928, 17.751.702 cafeeiros, constatando-se assim, que após um momento de grande expansão a produção cafeeira começou a apresentar alguns sintomas de decadência³². De 1900 a 1918 a produção cafeeira manteve um volume quase que constante de produção anual (média de 1.200.000 arrobas), até sofrer uma baixa considerável em 1918, com a geada que afetou drasticamente a economia cafeeira regional. Em 1920, verifica-se uma grande recuperação; mas, a partir daí, a lavoura cafeeira entra em declínio constante, estando em nível bastante baixo em 1934 (460.684 arrobas).

Verifica-se portanto que o auge da produção municipal do café se dá entre 1890 e 1900, quando São Carlos se coloca como o terceiro centro produtor do país. A partir desse período tudo indica que ele só manteve uma participação significativa no conjunto da produção cafeeira da Zona da Paulista, porque os outros municípios integra-

³⁰

Conf. MILLIET, Sérgio. *O roteiro do café e outros ensaios*. 4.ed. São Paulo, HUCITEC, 1982. "A zona da Paulista compreende a "zona dos municípios tributários da Estrada de Ferro Paulista, à exceção dos da Alta Paulista, que foram adidos à zona da Noroeste, por se ligarem, pela cronologia, mais nitidamente à expansão desta. Compreende os seguintes municípios: Anápolis, Araras, Araraquara, Barretos, Bebedouro, Cajobi, Colina, Descalvado, Guaiá, Guariba, Jabuticabal, Leme, Limeira, Monte Azul, Olímpia, Palmeiras, Piraçununga, Pitangueiras, Porto Ferreira, Rio Claro, São Carlos, Santa Cruz da Conceição, Santa Rita do Passa-Quatro e Viradouro."

³¹

Dados extraídos de MILLIET, S. *O roteiro do café ... e ESTATÍSTICA Agrícola do Município de São Carlos do Píthol*. Organizada pelo Club da Lavoura. São Paulo, Typografia Pauperu & COMP, 1899.

³²

Conf. DAMIANO, O. *O café e os italianos...* p.16

dos a essa região passaram, a partir da 2.^a década do século XX, a substituir gradativamente o café por outras culturas; particularmente (após 1920) pelo al^gidão e pela citricultura. Na verdade, a diversificação agrícola ocorreu sobretudo como forma de contornar as crises cíclicas (de superprodução) do café. Em São Carlos, as extensas áreas não propícias à agricultura começavam a ser exploradas mais intensamente com a atividade da pecuária, e alguns fazendeiros de café começavam a ensaiar o desenvolvimento de cultura, como arroz, milho, feijão, tabaco, as quais não chegaram a ter um significado econômico para o município.

*

*

*

Constata-se contudo, que o café só vai se transformar definitivamente na principal atividade econômica do município quando, com a chegada da ferrovia e de um grande contingente de imigrantes, ficam solucionados os problemas de integração desse núcleo com os centros exportadores, e os problemas de mão de obra para a lavoura cafeeira.

No que diz respeito à ferrovia³³ - enquanto um dos elementos primordiais à estruturação do complexo cafeeiro - esta chegou à Rio Claro em 1876. Daí, a Companhia Paulista planejava estender seus trilhos até Jaú, Dois Córregos e Brotas, podendo favorecer portanto, o prolongamento de seus ramais até o município de São Carlos.

Foi nessa época (mais exatamente em 1878) que Antonio Carlos de Arruda Botelho (Conde do Pinhal), juntamente com seu sogro, o Visconde de Rio Claro, conseguiu aprovar no Ministério a proposta de que o traçado de ampliação da ferrovia passasse pelas terras do Visconde, em Aja

³³

Sobre a constituição das ferrovias e seu relacionamento com a economia cafeeira e os movimentos populacionais foram consultados: MATTOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1974 e SAES, Flávio Azevedo Marques. *As ferrovias de São Paulo: 1870-1940*. São Paulo, HUCITEC, 1981.

pi e Cuzcuzeiro (atual Analândia), chegando ao município de São Carlos onde estava localizada parte de suas propriedades³⁴.

Não conseguindo a aprovação desse traçado pela direção da companhia Paulista, os dois fazendeiros do café obtiveram a concessão do Governo Imperial em 1880, organizando uma companhia sob a direção do Conde do Pinhal, e com capital de vários fazendeiros da região. Esta, com a denominação de Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro, empreendeu o prolongamento até São Carlos (15.10.1884), Araraquara (18.01.1885), o ramal Rio Claro-Jaú (18.02.1887) e o ramal até Analândia, que passava por Corumbataí.

Em 1889 a Companhia Rio Claro foi vendida a uma empresa inglesa, que a revendeu, em 1892 à Companhia Paulista. Nesse espaço de tempo foram iniciados e concluídos os ramais a Jaboticabal (05.05.1893), a Santa Eudóxia - atual distrito de São Carlos (20.09.1893) e Ribeirão Bonito.

Dessa forma, em São Carlos, assim como em outros núcleos regionais próximos, como Rio Claro e Araraquara, a produção cafeeira precedeu os meios de transporte. Aqui, "a estrada de ferro vai atrás, a serviço dos fazendeiros instalados"³⁵. Talvez seja esse fator um dos principais elementos explicativos da gênese da diferenciação atual dos núcleos urbanos - que compõe a "micro-região" onde São Carlos está inserida³⁶.

Algumas cidades, devido às condições previamente dadas, tiveram melhores oportunidades para se transformarem precocemente em polos regionais e sub-regionais: antes da chegada da ferrovia elas já haviam sido efetivamente ocupadas, já haviam passado por um processo pretérito de urbanização. Outras cidades próximas (Matão, Ibitinga, Itá

³⁴

Outras grandes lavouras de café de propriedade do Conde do Pinhal estavam situadas sobretudo em Jaú e Ibitinga.

³⁵

MILLIET, S. *O roteiro do café...* p.50

³⁶

A micro-região homogênea 242, área delimitada pelo IBGE é composta dos seguintes municípios: Araraquara, Américo Brasiliense, Boa Esperança do Sul, Borborema, Descalvado, Dobrada, Dourado, Ibatê, Ibitinga, Itápolis, Matão, Nova Europa, Ribeirão Bonito, Rincão, Santa Lúcia, São Carlos e Tabatinga.

de contrato efetuados no município. Todavia, tudo leva a crer que não havia grandes diferenças entre as regiões cafeeiras que começavam a utilizar a mão de obra livre.

Em linhas gerais, o regime de colonato compreendia um salário fixo pelo trato de determinada quantidade de cafeeiros; um variável pela colheita do café e o direito do plantio e criação de animais dentro da unidade produtiva cafeeira. Embora os "trabalhadores do café" recebessem alguma renda adiconal, advinda da comercialização do excedente alimentar por eles produzido, as precárias condições de trabalho, impostas pelos fazendeiros; os baixos salários recebidos e as dívidas contraídas se contrapunham frontalmente às suas perspectivas de ascensão à categoria de "lavradores", além de não conseguirem se integrar em uma relação que os colocava efetivamente como substitutos do escravo^{4 5}.

Essa situação afetava, por um lado, a normalidade das relações de trabalho no interior da propriedade cafeeira, à medida em que a luta reivindicatória se tornava permanente^{4 6} e, gerava, por outro lado, um certo deslocamento e mobilidade sócio-espacial desses trabalhadores. Muitos voltavam para os países de origem ou migravam para outros. Poucos deixavam as fazendas para se estabelecer por conta própria em pequenas propriedades - obviamente nas áreas ainda não exploradas pela grande lavoura comercial ou nas terras esgotadas pelo café. Outros quando conseguiam se desamarrar de seus compromissos com os fazendeiros de café dirigiam-se às cidades, tentando se integrar ao mercado de trabalho urbano.

Vale salientar, contudo, que o deslocamento/expulsão desses trabalhadores rurais ocorreu no contexto de um processo, e não pontualmente no tempo. Nesse sentido, tudo indica que essa mobilidade espacial e social foi se acentuando paralelamente ao processo de decadência da produção cafeeira nas regiões do café. Com efeito, o movimento histórico (transitório) de ascensão do colono à categoria de lavrador só foi possível, nessas áreas, a partir

^{4 5} Conf. MELLO, J.M.C. *O capitalismo tardio...* p.85

^{4 6} Conf. SILVA, S. *Expansão cafeeira...* p.53

do esgotamento dessas terras e/ou da intensificação das crises gerais do café. Por outro lado, o deslocamento campo-cidade, também nesses territórios, se dinamizou, quando - sobretudo nos momentos de decadência do café - alguns polos urbanos, antes centros distribuidores de mercadorias, se converteram em centros também produtores, catalizando dessa forma, os movimentos imigratórios.

Os dois quadros seguintes fornecem uma visão sobre as categorias ocupacionais, no meio rural, e sobre a situação ocupacional relativamente aos imigrantes italianos, no município de São Carlos.

II.8. ÍNDICES PERCENTUAIS DA OCUPAÇÃO RURAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS*

ANOS	COLONO	TRABALHADOR DE ROÇA	LAVRADOR
1890-95	76,76	2,42	0,93
1896-900	79,25	-	0,16
1901-05	76,47	-	1,78
1906-10	68,53	3,21	7,41
1911-15	48,12	2,10	22,27
1916-20	25,94	3,38	42,86
1921-25	9,38	-	41,24
1926-30	-	-	47,83

FONTE: MELLO, V.G. *A imigração italiana...*p.132-134

* Considerando os demais ocupados em atividades urbanas, perfaz-se o total de 100% para cada intervalo da tabela.

II.9. OCUPAÇÃO DO CÔNJUGE ITALIANO E DESCENDENTE NO CASSAMENTO

OCUPAÇÃO	1890-1895	1896-1900	1901-1905	1906-1910	1911-1915	1916-1920	1921-1925	1926-1930
RURAL	80,11	79,41	81,46	77,26	72,49	72,18	50,62	47,83
URBANA	19,89	20,59	18,54	22,74	27,51	27,82	49,38	52,17
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MELO, V.G. *A imigração italiana...*p.129

As tabelas II.8 e II.9 evidenciam respectivamente uma diminuição do número de italianos empregados como

colonos, particularmente a partir de 1920, e uma tendên
cia ao equilíbrio e posterior reversão dos contingentes
populacionais nas zonas urbana e rural, a partir também
de 1920. Percebe-se, portanto, que essas constatações co-
incidem com o agravamento da crise do café. Nesse momento,
a busca de novas terras de plantio e a desestruturação
das grandes lavouras do café, provocou um fracionamento
de parte das terras (ver capítulo seguinte), as quais, em
forma de pequenas propriedades, se transferiram aos anti
gos "colonos", aos arrendatários, ou a imigrantes da class
e média urbana. Uma outra parcela dos trabalhadores ru-
rais acabou se transferindo aos centros urbanos mais dinâ-
micos em busca de novas atividades ou às regiões pionei-
ras.

Dessa forma - pelo lado dos movimentos mais apa-
rentes - em razão das condições de trabalho e da remunera-
ção; e também dos movimentos de crise do café, percebe-se
uma transferência bastante expressiva - mas gradual - da
população rural para o contexto das áreas urbanas, defle-
gando aí todo um processo de diferenciação, no interior
dos grupos sociais urbanos, intensificando toda uma gama
de transformações em direção à conversão das cidades em
espaços privilegiados da produção econômica, gerando en-
fim, novas relações sociais e políticas. São Carlos apare-
ce nesse contexto, como uma das facetas de um processo
que estava ocorrendo em várias outras cidades do Estado
de São Paulo.

Por outro lado, deve-se salientar que, por trás
dos aspectos acima abordados, está a instituição do "tra-
balho livre", enquanto um dos principais determinantes
tanto da acumulação cafeeira e da acumulação industrial
nascente, quanto da intensificação do processo de urbani-
zação.

3. A CAFEICULTURA PROMOVENDO O ESTREITAMENTO DA RELAÇÃO CIDADE-CAMPO

Os "efeitos urbanizadores do café" não resultaram apenas do deslocamento dos trabalhadores rurais aos centros urbanos, engendrando novas relações sociais e políticas, novas atividades urbanas e intensificando/transformando as já existentes. Na verdade, esses movimentos populacionais ocorreram mais efetivamente em movimentos posteriores ao auge da economia cafeeira, na esteira mesmo da decadência do café (ver capítulo seguinte).

No sub-período em análise, o processo de produção/reprodução do espaço social urbano e das atividades aí contidas foram em muito decorrentes da imigração de uma população estrangeira, afluindo diretamente às cidades - assunto a ser discutido no tópico seguinte - e da atuação e inserção dos fazendeiros nos centros urbanos. A fixação de residência na cidade, a inversão de parcelas do capital cafeeiro no setor dos meios de consumo coletivos urbanos e também as atividades políticas empreendidas pelos cafeicultores se traduziram como elementos de impulsão da dinâmica urbana.

Com efeito, a cidade significava, para a burguesia cafeeira, não só um espaço privilegiado para a realização do capital, mas também o "locus" do controle social e da preservação de seus interesses de classe.

Assim, preocupações relativas ao provimento de mão de obra e a mecanização e implantação de novas técnicas agrícolas se constituíram como base para a organização de numerosos Clubes da Lavoura. Fundou-se, em 1899, um Clube da Lavoura também em São Carlos. Essa associação era composta, obviamente, pelos "grandes" fazendeiros da região tais como: Raphael de Abreu Sampo Vidal, José Francisco Teixeira de Barros, José Augusto de Oliveira Salles, Paulino Carlos de Arruda Botelho Filho entre outros; e suas preocupações se faziam presentes a respeito do desenvolvimento paralelo da policultura, da criação de condições objetivas para o experimento e divulgação de maquinários importados, da promoção da imigração, etc.

a esse processo inicial de mecanização, ocorreu, no momento da libertação prematura dos escravos na região, a implantação de um núcleo de colonos alemães, os quais se alojaram na Fazenda Santo Antonio, de propriedade da família Botelho. A partir dessa iniciativa, e, acompanhando os movimentos demográficos havidos nas áreas cafeeiras do Estado de São Paulo, o afluxo da mão de obra estrangeira para a lavoura iria sofrer um acréscimo bastante expressivo. Assim, já em 1899 a composição da força de trabalho rural do município era a seguinte:

II.7. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL EM 1899

ORIGEM	Nº	%
ITALIANOS	10.396	66,27
ESPAANHÓIS	1.356	8,64
BRASILEIROS PRETOS	1.242	7,92
BRASILEIROS BRANCOS	1.028	6,55
PORTUGUESES	886	5,65
AUSTRÍACOS	447	2,85
ALEMÃES	211	1,34
POLACOS	119	0,76
FRANCESES	3	0,02
TOTAL	15.688*	100,00

FONTE: ESTATÍSTICA Agrícola do Município de São Carlos do Pinhal (1899)

* A população rural total era constituída de 24.320 pessoas

Os imigrantes estrangeiros vindos para a lavoura, foram inicialmente empregados, em sua maioria, dentro do regime de "colonato", e posteriormente se inseriram em outros regimes de trabalho, particularmente como "trabalhadores de roça" (assalariados). Outros ainda, conseguiram se transformar em "lavradores" (proprietários ou arrendatários).

Não se tem dados precisos à respeito dos tipos

polis, Américo Brasiliense, Rincão, etc), ao contrário, formaram-se paralelamente à chegada da ferrovia, ao redor das estações de embarque do café; foram constituídas enquanto pequenos núcleos urbanos de apoio a atividades econômicas (a produção cafeeira) engendradas pelas facilidades trazidas pela própria ferrovia, e enquanto centros de canalização dos excedentes aí produzidos, às mãos dos fazendeiros da região e aos espaços urbanos dos centros regionais.

A "ferrovia do complexo cafeeiro" desempenhou na verdade múltiplos papéis. Além de impulsionar a urbanização e a produção de uma rede articulada ("integrada e desigual") de cidades, ela, mais do que tudo, possibilitou a viabilização e ampliação da acumulação capitalista regional e nacional. Esse meio de transporte produzido basicamente com o capital proveniente da economia cafeeira, pelos próprios fazendeiros do café, se reverteu em um rebaixamento dos custos da produção cafeeira, diminuindo os gastos com transporte, e elevou economicamente a produtividade física do café (o qual, em grande parte, perecia anteriormente nas fazendas, ou se perdia no longo percurso até os centros exportadores)³⁷. Além disso, a ferrovia passou a cumprir mais dois importantes papéis.

"Um, por se tornar uma nova e rentável oportunidade de inversão a parcelas do excedente gerado pelo complexo cafeeiro, tornando-se 'destino' para parte desses capitais; outro, refere-se a sua lucratividade relativamente alta, que lhe confere o caráter de 'origem' de novos capitais que permitem uma nova ampliação do excedente do complexo."³⁸

Essas afirmações se encontram evidenciadas em São Carlos, pela ação dos fazendeiros da região (já assinalada acima) pela expansão acelerada da produção cafeeira (também já discutida) e pelas repercussões da implanta

³⁷ Conf. CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 2.ed. São Paulo, T.A. Queiroz, 1983. p.34

³⁸ Id., *ibid.*, p.52-53.

ção da ferrovia no contexto da urbanização do núcleo urbano - dinamizando economicamente a região; facilitando o deslocamento populacional e gerando atividades urbanas complementares a ferrovia (sobre a última questão ver item 4).

*

*

*

Outro fator fundamental para a reprodução da economia cafeeira está vinculado à resolução do problema da mão de obra para a lavoura³⁹. Com a ferrovia, a necessidade de mobilizar grande contingente de população para as áreas produtoras de café se torna obviamente mais fácil. Contudo, o fulcro dessa problemática está localizado em outra esfera de discussão.

Senão vejamos. A estruturação do complexo cafeeiro se deu primordialmente com base no trabalho escravo. Contudo, a expansão da produção cafeeira acompanhada de uma "expansão mais do que proporcional do capital constante, constituído seja pelo próprio estoque de capital, empadado nos escravos, seja pelos meios de subsistência dos mesmos escravos"⁴⁰, os quais eram em parte importados, começava a colocar em cheque o próprio processo de acumulação do capital cafeeiro. Em 1851, com a interdição definitiva do tráfico de escravos, e com o consequente escasseamento da mão de obra para a lavoura, estavam postas as condições para a "transformação do trabalho em força de trabalho."⁴¹

39

Sobre esse assunto foram consultados CANO, W. *Raízes da concentração...*; MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas, 1975. Trabalho Mimeografado; SILVA OLIVEIRA, Francisco de. *A emergência do modo de produção de mercadorias: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil*. In: ———. *A economia da dependência imperfeita*. 3.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1980. Cap. I, p.9-38; SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.

40

OLIVEIRA, F.A. *A emergência do modo de produção de...* p.13

41

Id., *ibid.*, p.13

Existia no entanto, um obstáculo a essa conver-
são: a abundância de terras, as quais eram passíveis de a-
cesso a quem quer que as ocupasse. Isso impedia efetiva-
mente a "liberação" do trabalhador de seus meios de sub-
sistência e a sua conversão em força de trabalho. A Lei
de Terras, promulgada em 1850, cai como uma luva para o
desatamento desse nó. Ao transferir para o Estado, as ter-
ras não ainda exploradas, ao impor a necessidade da exist-
tência de contratos de compra e venda para a aquisição das
propriedades fundiárias, e ao vender as terras tomadas de
volutas por intermédio de pagamentos à vista e no ato da
compra, o Estado consegue resolver o grande impasse da
escassez de mão de obra. De um lado, ele expropria "legal-
mente" o lavrador que produzia para a sua subsistência e
de outro, com o montante em dinheiro arrecadado naquelas
transações imobiliárias, ele deflagra o processo de finan-
ciamento da vinda de imigrantes estrangeiros para traba-
lhar na lavoura.

Com efeito, o crescimento da população em todos
os eixos "dinâmicos" organizados em torno das áreas produ-
toras de café ocorreu, a partir do final do século XIX, de
uma forma bastante acentuada. O acréscimo populacional na
zona da Paulista, vinculado à marcha e avanço da cultu-
ra do café, constata essa afirmação.

II.2. CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO NA REGIÃO DA ESTRADA DE FERRO PAULISTA

MUNICÍPIOS	1836	1854	1886	1920	1935
RIO CLARO	-	6.564	20.133	57.800	62.050
ARARAS	-	-	9.579	25.613	24.234
ARARAQUARA	2.764	4.965	9.559	48.119	66.916
BARRETOS	-	-	-	84.828	121.924
JABOTICABAL	-	2.885	26.224	138.756	147.087
DESCALVADO	-	2.430	24.170	62.366	59.183
LIMEIRA	-	5.045	15.879	32.550	40.723
PALMEIRAS	-	-	6.650	12.784	9.858
SÃO CARLOS	-	-	16.104	54.225	51.620
SANTA RITA	-	-	6.495	20.207	16.247

FONTE: MILLIET, S. *Roteiro do café...* p.54

Esse crescimento demográfico foi determinado pelo deslocamento da população (fazendeiros, trabalho e a população expropriada), acompanhando a marcha do café, e pela entrada de um elevado número de imigrantes (entre final do século XIX e primeira década do século XX) que ao chegar ao território brasileiro, afluíam particularmente às áreas cafeeiras em auge de produção. Na verdade, a Zona da Paulista, foi uma das regiões do Estado mais beneficiada pelo deslocamento da população e pela corrente imigratória estrangeira.

"Ao começar a imigração iniciava-se o seu desbravamento. E ao terminar este, embora outras regiões já se abrissem ao forasteiro, as conveniências da civilização instalada atraíram sempre o colono."⁴²

Na Zona da Paulista os municípios de Limeira e São Carlos foram os mais procurados pelos imigrantes no século XIX.

O aumento populacional, no município de São Carlos, com efeito, acompanhou as tendências dos movimentos populacionais. Assim, de 1886 a 1900 o índice de crescimento esteve em torno de 246,1%, salientando-se que nesse momento houve um elevado número de imigrantes que vêm substituir a mão de obra escrava nas lavouras. A tabela II.3, apresentada a seguir, ilustra a evolução cafeeira. A tabela II.4 apresenta a composição demográfica, por nacionalidade, no município, em 1886, quando aí havia uma população de 16.104 habitantes, sendo 14.053 nacionais e 2051 estrangeiros. E a tabela II.5 mostra a imigração em São Carlos, no período de 1901 a 1930.

II.3. SÃO CARLOS. EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CAFEEIRA, DA POPULAÇÃO, E DA CHEGADA DE IMIGRANTES E TRABALHADORES NACIONAIS. 1886-1950 (a)

ANOS	PRODUÇÃO DE CAFÉ EM ARROBAS (b)	POPULAÇÃO (b) TOTAL	% CRESCIM.	Nº DE IMI- GRANTES CHE- GADOS (c)
1886	66.667	16.104		-
1893	-	-		3.788
1898	-	-		1.342
1900	1.355.900	55.729	246,1	869
1901	-	-		-
1905	1.500.000	-		3.618
1906	1.097.975	-		-
1910	-	-		3.887
1915/ 1916	1.170.920	-		6.198
1918/ 1919	980.000	-		-
1919/ 1920	430.000	-		-
1920/ 1921	1.212.00	54.225	-2,7	1.586
1921/ 1922	745.000	-		-
1925	-	-		325
1926	-	-		-
1930	-	-		1.385
1934	460.684	51.620	-4,8	-
1940	400.000	48.609	-5,8	-
1950	-	47.731	-1,8	-

(a) Incluem-se aí, as áreas correspondentes ao município de São Carlos e ao atual município de Ibatê, até 1940. Na década de 40, Ibatê foi desmembrado de São Carlos.

(b) Dados extraídos de MILLIET, S. *Roteiro do café*...p.54; MELO, V. G. *A imigração italiana*...p.96, e censos demográficos de 1940 e 1950. Os dados sobre a produção do café de 1915 a 1921 referem-se respectivamente aos anos de 1915-16; 1918-19; 1919-20; 1920-21; 1921-22. A nomenclatura reduzida foi utilizada para simplificar a tabela.

(c) Dados extraídos de: 1893-1900: LORENZO, H.C. *Origem e crescimento*...p.37; 1901-1930: MELO, V.G. *A imigração italiana*...Esses dados referem-se à chegadas à Hospedaria dos imigrantes apenas. Os dados computados de 1901 a 1930, dizem respeito apenas aos imigrantes que declararam suas nacionalidades (16.999). Na verdade, de 1901 a 1930, entraram em São Carlos, vindos da Hospedaria dos Imigrantes 19.332 imigrantes estrangeiros. A partir de 1901 esses dados aparecem acumulados de 5 em 5 anos. Por exemplo: de 1901 a 1905 entraram 3.618 imigrantes e, assim por diante, até 1930.

II.4. COMPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS EM 1886

NACIONALIDADE	TOTAL
Brasileira	14.053
Italiana	1.050
Portuguesa	464
Alemã	371
Espanhola	117
Austriaca	25
Francesa	4
Inglesa	2
Africana	12
Outras	6
TOTAL	16.104

FONTE: MELLO, V.G. *A imigração italiana...*p.110

II.5. IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SÃO CARLOS DE 1901 A 1930(a)

NACIONALIDADE	TOTAL	%
Italiana	5.881	34,60
Espanhola	6.131	36,07
Portuguesa	2.718	15,99
Lituana	477	2,81
Japonesa	493	2,90
Austriaca	356	2,09
Outras	953	14,93
Não declarada	2.323	12,02
TOTAL	19.332	100,00

FONTE: MELLO, V.G. *A imigração italiana...*p.191-192.

(a) Esses dados referem-se aos imigrantes chegados da Hospedaria dos Imigrantes apenas.

De 1898 até 1902, o número de imigrantes estrangeiros chegados (7.739) ao município foi inferior apenas ao da capital, ao de Ribeirão Preto (14.293) e de São Simão (7.837). Já em 1900 porém, a imigração estrangeira passa a se concentrar preferencialmente em centros como Ribeirão Preto (1.313); São Paulo (1.154) e Jaú (995). Nesse ano, o município de São Carlos recebeu apenas 869 imigrantes. Enfim, nos anos subsequentes (ver tabela II.3) a corrente imigratória permaneceu comparativamente fraca e constante até 1910, expressiva de 1911 a 1915 (talvez, como reflexo da conjuntura geral da economia cafeeira, a qual, a partir de uma longa crise que se prolongou de 1897 a 1910-11, passou por um processo de recuperação, com a alta dos preços externos e internos do café até 1913) e em declínio de 1916 a 1930; período em que se destaca a imigração japonesa e lituana^{4 3}. Vale destacar ainda que desde 1886 (primeira referência oficial relativa à imigração) até 1915, as correntes imigratórias mais significativas, foram a dos espanhóis e a dos italianos (Ver tabela II.5).

O relativo estancamento da corrente imigratória, acompanhado do descrêscimo populacional, a partir da primeira/segunda década do século atual (Ver tabela II.3), evidenciam o deslocamento da lavoura cafeeira e de contingentes populacionais para outras regiões, assim como a ausência de movimentos econômicos locais tanto quanto absorventes.

De qualquer forma, a exigência da imigração estrangeira como mão de obra rural, no contexto do movimento cafeeiro, apontando para a emergência de novas relações sociais de produção, fortaleceu o processo de urbanização local e acabou por romper a tendência isolacionista das fazendas, ampliando e diversificando as relações co-

^{4 3}

MELO, V.A. *A imigração italiana...* p.108,114,127. A imigração japonesa começou a ser significativa no município em 1915, tendo atingido 22,4% de 1926 a 1930. A imigração lituana contribuiu, de 1926 a 1930, com 34,33% dos imigrantes.

merciais na região cafeeira, criando um amplo mercado para bens de consumo corrente, liberando um dos freios da continuidade da expansão da acumulação cafeeira.

Os fazendeiros de São Carlos, conscientes dos obstáculos colocados pelo regime de trabalho servil, libertaram os escravos em fins de 1887 e início de 1888, quando o número de escravos era avaliado em 3.726.

Na verdade, a expansão da produção cafeeira, não estava sendo acompanhada de um acréscimo proporcional da mão de obra. Se em 1874, a população local era constituída de 22,7% de escravos, em 1886 esse índice caiu para 18,5% da população total. O quadro seguinte fornece dados relativos a composição da população local para os anos de 1874 e 1886:

II.6. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS NO SÉCULO XIX

CONDIÇÃO	1874		1886	
	Nº	%	Nº	%
BRASILEIROS LIVRES	5.329	77,3	11.071	68,8
IMIGRANTES			2.051	12,7
ESCRAVOS	1.568	22,7	2.982	18,5
TOTAL	6.897	100,0	16.104	100,0

FONTE: MAEYAMA, Takashi. *Familialization of the unfamiliar world. The familia networks and groups in a brazilian city.* Faculty of the graduate school of Cornell University. mimeo. 1975. p.26

Nesse contexto, havia grande disposição por parte dos fazendeiros em investir na mecanização do trabalho agrícola. Com efeito, em fins do século XIX, começavam a aparecer, nas maiores fazendas do município, as primeiras máquinas secadoras e descascadoras que aceleravam o processo e melhoravam a qualidade do produto⁴⁴. Paralelamente

⁴⁴ Em 1899 existiam nas fazendas do município 12 despulpadores ("compreendendo 8 vapores, de força total de 42 cavallos) e 89 máquinas ("compreendendo casa e 68 vapores com a força total de 708 cavallos e 21 motores hydraulicos com força total de 290 cavallos") ESTATÍSTICA Agrícola... p.1020.

Objetivando diversificar e aumentar a produtividade agrícola, o Clube da Lavoura criou um campo de experiência e demonstração, situado junto à cidade e contendo 10 alqueires de terreno; além de ter implantado campos seccionais organizados em fazendas do município. Paralelamente essa associação de agricultores realizou um levantamento completo do meio rural, o qual resultou na organização da "Estatística Agrícola do Município."

Por intermédio desse trabalho comprovaram que a exceção do café - único produto exportado pelo município - os gêneros alimentícios aqui produzidos (milho, arroz, feijão, toucinho e banha, além de outros menos significativos) não estavam sendo suficientes. nem para o consumo local. Ou seja, segundo o relatório publicado em 1899, o município, assim como o país como um todo, estava mergulhado em "uma dependência econômica... em relação a gêneros que pode produzir largamente como o arroz, o milho, a batata, o trigo, o vinho, as forragens, etc."⁴⁷ a qual poderia ser superada com uma redução do custo de produção a partir da racionalização da produção agrária e da utilização da terra.

Constata-se, com efeito - abrindo-se um parêntesis - que a estrutura agrária do município, estava efetivamente organizada em grandes propriedades monocultoras.

"Conquanto o ideal, para nós, seja a produção de gêneros alimentares feita na pequena propriedade, entretanto, ao menos antes que ella se organize definitivamente, devemos empregar o maior esforço para que cada fazenda produza os gêneros de primeira necessidade, ao menos para o seu abastecimento. Teremos já dado um grande passo para a nossa independência."⁴⁸

Um exemplo da concentração da propriedade rural se encontra na família Arruda Botelho, sobretudo em Anto-

⁴⁷

ESTATÍSTICA Agrícola do município de São Carlos do Pí-
nhal organizada pelo Club da Lavoura, 1899. *Revista
do Instituto do Café do Estado de São Paulo*, 15(161):
1017-28, jul.1940. p.1025

⁴⁸

Id., *ibid.*, p.1027

nio Carlos de Arruda Botelho (o Conde do Pinhal).

"Os Arruda Botelho possuíam na região de São Carlos as fazendas Palmital, Lobo, Serra, Santo Antonio e Pinhal. Na região de Jaú, a família era proprietária das fazendas Luiza, Carlota Sant'Ana, Santo Antonio, Santa Sofia, São Joaquim, São Carlos e Salto do Jahu (nesta última instalou uma serraria modelo). Expandindo seus negócios adquire ações da Companhia Agrícola de Ribeirão Preto, que tinha por patrimônio nove fazendas..., situadas na Estação Tibiriçã, na região da estrada de ferro Mogiana. Possuía ainda uma área de 5 mil alqueires de terra ligadas por uma estrada de ferro particular, com cerca de 20 km de trilhos, que realizava todo o transporte do café, tanto da roça ao terreiro como no embarque do produto já beneficiado para a Estação Tibiriçã da Companhia Mogiana. Com cerca de 2 milhões de cafeeiros e modernos maquinários para o tratamento do café, sua produção anual ultrapassava 200 mil arrobas."⁴⁹

Mas, como já foi evidenciado acima, os fazendeiros do café não se limitaram em absoluto às atividades econômicas rurais. Com efeito, nas sociedades estruturadas em classe, em que a preservação de interesses da classe dominante é fundamental para a reprodução de determinadas relações sociais, fa-ze necessária a presença direta ou indireta dos grupos sociais hegemônicos nos aparelhos de Estado.⁵⁰

No momento histórico em que a burguesia cafeeira se coloca como o grupo social econômica e politicamente predominante, encontram-se vários fazendeiros, proprietários de grandes extensões de terra, à frente do aparelho de Estado; tanto a nível regional como federal⁵¹.

No município de São Carlos, Antonio Carlos de Arruda Botelho (o Conde do Pinhal) ocupou quase que todos os cargos políticos no município, além de ter sido deputa

⁴⁹ KERBAUY, M.T.M. *Poder político local...* p.40-41.

⁵⁰ Conf. DEVESCOVI, Regina C. Balieiro. *O Estado e a economia*. Trabalho semestral para a disciplina "Estado e Economia". São Paulo, EAESP/FGV, dez.1980. A autora remete a uma bibliografia específica sobre o tema.

⁵¹ Conf. SILVA, S. *Expansão cafeeira...* p.59-60.

não permitia a reabsorção total do capital excedente. Assim, integrados em um processo de intensificação/criação de um mercado interno de força de trabalho e de bens de consumo; integrados em uma dinâmica de urbanização crescente; objetivando enfim, a operação de um mercado lucrativo⁵³, os fazendeiros foram investindo, direta ou indiretamente, o capital gerado na economia cafeeira em setores econômicos urbanos (sobretudo setores comercial e financeiro e os subsetores imobiliário e da construção civil).

Dessa forma, a medida em que vai se acumulando uma massa de capital monetário, os proprietários agrícolas vão criando bancos de crédito, se vinculando às casas comissárias, e realizando melhoramentos urbanos tais como bondes elétricos, telefones, redes de infra-estrutura urbana, etc.

No final do século XIX e início do século XX, a cidade de São Carlos já comportava dois bancos, várias casas de comercialização do café, e meios de consumo coletivos urbanos em pleno funcionamento, promovidos diretamente pelo capital cafeeiro; além de numerosos estabelecimentos comerciais e manufatureiros, atividades essas integradas e impulsionadas pelos movimentos gerados no interior do complexo. Essa discussão, contudo, será desenvolvida no item seguinte.

4. A CAFEICULTURA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

"O papel central da economia da República Velha reside na intermediação comercial e financeira da agroexportação. É aqui que vai desaguar a nova vitalidade conferida à economia pela mudança nas relações de produção e as contradições que essa mesma nova vitalidade colocava para a diferenciação da divisão social do trabalho. O binômio 'intermediação comercial e financeira' é uma unidade indissolúvel no contexto da economia da Primeira República. E esse binômio é de realização quase que totalmente 'externa'. Em primeiro lugar, a intermediação comercial e financeira retira

⁵³

Conf. DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo: 1880-1945*. 3.ed. São Paulo, DIFEL, s.d p.41-56.

do provincial em 1864, 1868 e 1869, deputado geral em 1888, e logo em seguida senador e membro da Primeira Constituinte Republicana Paulista. Juntamente com vários outros membros da Família Arruda Botelho, que também ocuparam cargos executivos e legislativos, tanto em âmbito local como estadual e federal, o Conde do Pinhal, patriarca da família, iria manter seu poder político intacto, no município, até praticamente sua morte em 1901. A partir desse momento, iniciou-se a consolidação da facção política adversária, a qual pertencia contudo, às mesmas agremiações partidárias dos botelhistas: o Partido Liberal, até por volta de 1890 e, a partir daí, o Partido Republicano Paulista. Alternando-se no poder, desde 1901, a facção adversária, encabeçada primordialmente por Major José Ignácio e, posteriormente por Elias de Camargo Salles (também, dois grandes fazendeiros da região) iria dominar, sem revezes, o aparelho estatal municipal de 1910 até 1921. Nesse ano, com a eleição para o executivo, de um membro da facção "botelhistas" (Dr. Teixeira de Barros) houve uma interrupção, em seu predomínio político, o qual, contudo, foi recuperado após um mandato, se estendendo daí, até o revés sofrido após a Revolução de 30. A partir de 1930, o Partido Democrático, fundado em fins da década de 20 e congregando nomes aparentemente desligados do setor agrícola (Oscar Geribello, industrial e Viriato Nunes e Ernesto Pereira Lopes, médicos, entre outros) ingressou no jogo político de revezamento com o P.R.P. Todavia, a política municipal continuou sendo dominada pelos fazendeiros até 1945, os quais até esse momento continuaram a ocupar os postos municipais de maior importância (executivo e presidência do legislativo da Câmara) ⁵².

No que se refere ao processo da acumulação do capital, a partir da economia cafeeira, este também se fez presente - repetindo - na dinâmica da urbanização das cidades.

Com efeito, a estrutura das grandes propriedades cafeicultoras levava à consecução de grandes lucros, mas

da economia uma parte ponderável do excedente produzido, que não será reinjetado nela, mas serve à acumulação na economia dos países que a realizam... sua importância não é desprezível, quantitativamente falando... Porém, é sua importância qualitativa que joga um papel central na dialética produção-acumulação interna." ⁵⁴

Não há intenção aqui, em desenvolver a discussão relativa às contradições inerentes ao processo acima evidenciado. Contudo, cabe salientar que, embora grande parte do excedente aqui produzido fosse canalizado para outros países, contraditoriamente, outra parcela desse excedente era reinvestida internamente. Na verdade, essa era outra condição para que a economia agroexportadora do café e as relações sociais aí engendradas se reproduzissem. É só nesse contexto, portanto, que se pode dizer que o capital cafeeiro tinha diversos aspectos. Ele representava ao mesmo tempo o capital agrário, o capital comercial e o capital financeiro.

Em São Carlos foi fundada, em 1890, a Casa Bancária, pertencente ao Conde do Pinhal; e, em 1891 foram fundados o Banco de São Carlos e o Banco União de São Carlos, os quais se organizaram em sociedade anônima. Esses dois bancos tinham como maiores acionistas os grandes fazendeiros da região tais como: Coronel Paulino Carlos de Arruda Botelho, Tenente-Coronel Joaquim Manoel Alves, Tenente-Coronel Leopoldo de Almeida Prado, Major José Ignácio, Bento Carlos de Arruda Botelho, Dr. Firmiano de Moraes Pinto, todos membros de uma ou outra diretoria. Vale salientar, ainda, que esses capitais não foram investidos apenas na área territorial originária, mas se irradiaram também a outras regiões do Estado. A atuação de Antonio Carlos de Arruda Botelho (Conde do Pinhal) pode servir como exemplo. Em 1889, com o capital obtido na venda da Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro, este fazendeiro fundou o Banco de São Paulo, com sede na capital, no qual ocupou a presidência até a sua morte (1901). O mesmo fazendeiro, fundou ainda, no mesmo período, o Banco de Piracicaba.

Em relação ao setor comercial e, mais particularmente, às atividades de comercialização do café alguns desses fazendeiros atuaram na intermediação do produto entre as unidades de produção e as casas exportadoras. Sabe-se que mebros (fazendeiros) da família Botelho foram comissionários do café (além dos comerciantes locais desvinculados da atividade cafeeira). Contudo, a sua passagem pela comercialização do café parece ter sido bastante transitória. Pois em fins do século XIX os comissários e ensacadores de café começaram a ser suplantados pelos exportadores estrangeiros, os quais com seus "grandes" centros de armazenagem acabaram por absorver as atividades dos antigos intermediários. Com efeito, em 1895 foi criada a Companhia Paulista dos Armazens Gerais, ligada à Johnston Co.,

"uma das maiores, senão a maior expostadora do nosso café, instalando armazéns em Campinas, São Manuel, Ribeirão Preto, Jaú e São Carlos."⁵⁵

Ainda em relação ao setor comercial os fazendeiros também ocuparam posição de destaque na esfera da comercialização de imóveis urbanos. Assim, em 1900, existiam aproximadamente 1350 edificações na cidade de São Carlos, das quais 875 eram de aluguel. Quem detinha o maior número de casas de aluguel, nesse ano, eram: Conde do Pinhal com 25 casas, Salvador de Oliveira Lima com 22 casas, Joaquim Manoel de Sampaio, Joaquim Almeida Penteado e Theophilo Baptista Azevedo com 11 casas cada um, Evaristo Justiniano Oliveira com 10 casas e Banco União de São Carlos com 9 casas; perfazendo um total de 99 casas de aluguel. Dessa forma, 11,5% das casas de aluguel estavam concentradas em mãos de 3 grandes fazendeiros da região, do Banco União de São Carlos (controlado pela burguesia agrária), de um proprietário de um depósito de aguardente na cidade (Evaristo Justiniano de Oliveira) e de duas pessoas, cujas atividades econômicas não se conseguiu levantar (Salvador de Oliveira Lima e Theophilo Bap

⁵⁵CASALECHI, José Enio. *Da Companhia Industrial Agro-Pastoril D'Oeste de São Paulo a Cambuy Coffee Cotton Estates*. Araraquara, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 1973. (Tese doutoramento). Micrografado. p.139.

tista de Azevedo). Note-se que foram computados aqui, só os proprietários com mais de nove casas de aluguel. Verificando-se o Livro de Impostos sobre casas de aluguel de 1900, identificam-se vários outros fazendeiros proprietários de um menor número de imóveis de aluguel. Já em 1913, a cidade de São Carlos possuía 1798 edificações, das quais 1043 eram alugadas. Contudo, constata-se nesse ano, uma desconcentração e diversificação dos proprietários de imóveis alugados, os quais em grande parte estavam inseridos em categorias sociais notadamente urbanas. Vale salientar, todavia, que tudo indica que a maior parte das glebas urbanas (e obviamente rurais) pertenciam aos fazendeiros do café, visto que em função da dinamização acelerada do núcleo urbano, essas terras passavam por um processo intenso de valorização, tornando portanto, conveniente o seu congelamento⁵⁶.

Por outro lado, a aceleração do processo de produção dos meios de consumo coletivos urbanos no final do século passado, esteve também estritamente vinculada ao capital cafeeiro.

Assim, em 1890, com o apoio financeiro dos fazendeiros locais, os administradores da 1.^a Intendência Municipal após a proclamação da República, contratou os serviços de iluminação urbana pública e particular à luz elétrica, de abastecimento de água potável por meio da instalação de redes de água, e de implantação das redes de esgoto em praticamente toda a extensão habitada do núcleo urbano. Esses serviços foram concluídos e inaugurados respectivamente, em 1894, 1907 e 1903. Nesse mesmo ano, foi executado um levantamento topográfico, planimétrico e altimétrico, para que se pudesse mapear a cidade e orientar as construções de edificações, visto que a área urbana a

⁵⁶

Consultando os Livros de Impostos do Município, tudo leva a crer, todavia, que essas glebas não eram totalmente vazias. Elas comportavam, em geral, chácaras incorporadas à cidade mas distantes do núcleo central. Nessas chácaras residiam alguns "senhores do café" com suas famílias e, logicamente, aí desenvolviam-se algumas culturas agrícolas para consumo próprio.

presentava uma topografia bastante irregular⁵⁷.

Em 1889 foram introduzidas as primeiras linhas telefônicas pela "Empresa Telephonica de São Carlos" cujo proprietário, Manoel Cabral dos Santos era aparentemente desligado do ramo agrícola. Contudo, em 1894, essa empresa foi incorporada a recém criada 'Companhia Telephonica Sãocarlense', sociedade anonima, constituída com capital local, sobretudo cafeeiro. No fim do século XIX, início do atual, toda a cidade era servida por rede telefônica a lém de considerável número de fazendas localizadas no município⁵⁸.

Em 1895 começou a funcionar uma linha de bondes por tração animal, que fazia o percurso Estação - Rua Bento Carlos - Rua São Joaquim - Rua General Osório e (ultrapassando os trilhos da ferrovia) Av. Prado. Paralelamente, a Companhia de Luz Elétrica de São Carlos (presidida por fazendeiros da região) incorporada, em 1907, a Companhia Paulista de Eletricidade, com sede em Limeira, instalou uma série de pequenas usinas hidrelétricas no município (Quilombo, Monjolinho e Capão Preto) que continuam em operação ainda hoje, embora inetradas ao sistema CESP-CPFL. A instalação desses serviços, com efeito, propiciou a criação, pela mesma Companhia, dos serviços de transportes coletivos por bondes elétricos, em 1914. Em 1915, toda a área contida no interior do perímetro urbano (Cf. mapa nº2) com exceção da Vila Prado era servida por esse transporte coletivo.

Em 1892, Bento Carlos de Arruda Botelho, fazendeiro de café, construiu o Teatro Municipal de São Carlos e, em 1894 foram celebrados os contratos para a construção da Santa Casa de Misericórdia e da Casa de Caridade, as quais foram edificadas e aparelhadas por intermédio de

⁵⁷

Anteriormente a esse levantamento, foi elaborado, em 1884 um mapa completo da cidade (o primeiro) com a indicação das principais edificações. Esse mapeamento foi executado pelo engenheiro David Cassinelli, industrial local no setor da marcenaria e carpintaria e pioneiro na indústria de fabricação de gelo. Conf. DAMIANO, O.C. *O café e os italianos...* p.20

⁵⁸

Conf. FINS do século em São Carlos do Pinhal. Monografia. São Carlos, 1972. Trabalho mimeografado.

contribuições voluntárias e, no caso da Santa Casa, de financiamentos concedidos pelo Banco União de São Carlos. Vale salientar aqui, que a existência de uma Casa de Caridade evidenciava já, a presença de uma população marginalizada; talvez os escravos recém-libertos, os quais vieram a se instalar nos núcleos de Santa Izabel ao sul e de Vila Pureza a oeste, áreas afastadas do centro da cidade e, ainda não incorporadas ao núcleo urbano⁵⁹.

No final da segunda década do século atual, a cidade de São Carlos era quase toda servida por iluminação pública e particular e por redes de infra-estrutura urbana de água e esgoto, com exceção de algumas porções territoriais: a Vila Nery a leste, e parte da Vila Prado, ao sul. Em 1913, 82,4% do total de edificações era servida pela rede de esgoto. Em 1922 esse índice cresceu para 88,1%, embora o número total de edificações urbanas tenha passado de 1798 edificações, em 1913, para 2036, em 1922, representando um crescimento de 13,2%. Quanto à pavimentação, encontravam-se calçados os quarteirões mais próximos ao marco inicial da cidade e alguns quarteirões na Vila Prado. Além desses serviços, a cidade possuía, nesse período, 1 hospital, 1 casa de caridade, 4 bancos (3 agências: Banca Francese-Italiana per "America del Sud", Banco de Credito Internacional, Banco de São Paulo e Liberto de Mattos & Comp.), 2 teatros, 15 escolas custeadas pela municipalidade, além de outras associações de categorias profissionais e de classe.

Enfim, tudo leva a crer que, no início do século XX, a cidade já estava aparelhada por "uma massa de recursos físicos (o ambiente construído)... apropriada, em linhas gerais, às finalidades da produção e do consumo"⁶⁰;

⁵⁹ Segundo relato oral de três estudiosos do município. Professores Ary Pinto das Neves, Ítalo Savelli e Mário Tolentino.

⁶⁰

HARVEY, David. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. *Espaço & Debates*, 6:6-35, ju./set. 1982, p.6

condições que, aliadas ao processo de constituição da força de trabalho, produziriam as bases materiais para o impulso industrial havido na área em estudo.

Na verdade, o processo de produção do "ambiente construído" era o espelho da acumulação do capital engendrado na economia cafeeira; capital que só era investido nas cidades, porque elas se constituíam também como espaços privilegiados de reprodução desse capital.

*
* *

Desde as últimas décadas do século passado até a década de 1920, a população urbana de São Carlos manteve um crescimento lento mas contínuo; ao contrário portanto, da evolução demográfica do município, a qual decresceu no período compreendido entre a segunda década do século XX e a década de 40 (ver Tabela III) A tabela a seguir apresenta a evolução da população urbana de São Carlos de 1881 a 1926.

II.10. EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA EM SÃO CARLOS

ANOS	1881	1886	1891	1894	1914	1920	1926
POPULAÇÃO	1.500	2.764	5.000	8.000	13.00	15.404	17.365

FONTE: Almanques de São Carlos de: 1894, 1915 e 1927 e Censo Demográfico de 1920.

Tudo indica que a maior parte dessa população era de imigrantes estrangeiros e seus descendentes; imigrantes que afluíram a essa região não para trabalhar na lavoura, mas para, no bojo da euforia cafeeira, desenvolverem atividades econômicas urbanas, inserindo-se no setor comercial e/ou aqui introduzindo unidades industriais⁶¹.

⁶¹

Embora o contingente de imigrantes vindo diretamente para as cidades fosse proporcionalmente bem menos numeroso do que aquele que se inseriu na lavoura cafeeira, não se pode desprezar a importância sobretudo qualitativa dos primeiros.

Na verdade, a efetiva migração campo-cidade, (a formação do exército industrial de reserva, na cidade) começou a acontecer no contexto do processo de decadência do café, a partir da segunda década do século XX, e, mais intensivamente, quando a estrutura agrária do município, após um momento de desconcentração fundiária, volta, na década de 30/40 a se concentrar (assunto a ser discutido no próximo capítulo).

"De qualquer forma, o imigrante que, por seu êxito econômico, passou a ter peso na vida na cional foi o imigrante habitante da cidade e não o pobre lavrador."⁶²

Vários comerciantes e industriais locais, nesse período, tais como David Cassinelli (fábrica e depósito de móveis e madeiras; serraria); Attílio Picchi (empreiteira de obras, depósitos de madeiras e de materiais de construção); Germano Fehr (empreiteira de obras, fábrica de tecidos, fábrica de móveis e fábrica de lápis, entre outras), Abel Giongo (serraria), Miguel Giometti (fábrica de pregos e peneiras); alguns fundando unidades industriais e/ou comerciais já na última década do século passado, outros se projetando em movimentos posteriores, eram imigrantes, mas não haviam passado anteriormente pela lavoura cafeeira. Não eram fazendeiros e muito menos ex-colonos ⁶³.

A força de trabalho rural; a "classe média" urbana, composta, basicamente por profissionais liberais e

⁶² MELLO, J.M.C. *O capitalismo tardio...* p.151

⁶³ Leonardo Botelho, membro de uma família de fazendeiros de café na região, parece ter sido uma exceção. Ele foi proprietário de uma fábrica de móveis, de uma ferraria, serralheria e fundição e de oficinas de marcenaria e carpintaria. Em 1911, passou a produzir um ventilador duplo para preparar o café em coco para ser descascado e também fabricava a "fornalha econômica paulista" para queima de palha de café. Conf. Almanagues de São Carlos de 1894, 1905 e 1915. A exposição, até o final do capítulo baseia-se, em grande parte, nas informações retiradas desses três Almanagues. Para evitar citações excessivas far-se-á referência apenas, às outras fontes consultadas.

funcionários administrativos; pois vários "pequenos" industriais e comerciantes (grande parte dos quais, organizada até por volta da década de 20, em unidades famíliares de produção); um pequeno contingente de força de trabalho urbana; uma diminuta burguesia industrial nascente, e a burguesia agrária, eram os usuários dos meios de consumo coletivos urbanos, e representavam um mercado local para as unidades comerciais e industriais.

Em relação ao setor comercial, as atividades aí desenvolvidas já em 1894, eram bastante diversificadas: açougues (16); alfaiatarias (16); botequins (40); hotéis (5); lojas de armarinhos (44); joalheiros e relojoarias (4); secos e molhados (190); armazéns de ferragens (32); depôsito de materiais de construção (12); empresas empreiteiras (12); entre outros. Dessas unidades comerciais algumas eram bastante especializadas na comercialização local de produtos importados, cujo mercado se centrava obviamente, na burguesia agrária e nas débeis classe média e pequena burguesia urbana.

Por outro lado, o setor industrial, durante o período da hegemonia cafeeira, era organizado, basicamente, em torno de três segmentos: 1º, o de fabricação de máquinas para a agricultura, e, em particular para o beneficiamento do café; 2º, o de produção da sacaria para a emblagem do café; 3º, o de fabricação de bens de consumo corrente⁶⁴.

O primeiro segmento era representado em 1894 por 2 unidades; e, em 1915 por 3 (Altenfelder & Comp.; Alexandre Massi; Giongo & Fehr). E o segundo começou a ser representado em 1911, com a criação da Fiação e Tecelagem Magdalena, produtora de tecidos de algodão, e de propriedade da Companhia Industrial de São Carlos; cujos incorporadores eram Argeo Vinhas e Silvério Ignarra Sobrinho. Aparentemente, tudo indica que esses proprietários industriais (tanto do primeiro, quanto do segundo segmento) não tinham ligações com o setor agrícola. Por outro lado, vale salientar que nesses dois segmentos se encontrava a

⁶⁴ Conf. CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial...* p.79-81. Para melhor localizar a análise, utilizou-se a classificação elaborada por esse autor.

grande maioria das unidades produtivas que escapavam ao "caráter doméstico" das indústrias locais; organizadas portanto, sobre a base do trabalho assalariado.

Quanto ao terceiro segmento, este comportava um relativo grande número de pequenas e diversificadas empresas tais como bebidas, camas e cadeiras, móveis em geral, fogões, trollys, gelo, peneiras, ladrilhos, louça, sabão, carros, carroças, doce, sapatos, cola, café em pó, serralha, alfaiataria, tipografia. Até a crise que afetou a economia cafeeira, manteve-se em ritmo lento, mas contínuo de crescimento:

II.11 ESTABELECIMENTOS CLASSIFICADOS COMO INDÚSTRIAS EM SÃO CARLOS (a)

ANO	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS
1894	110
1914	129
1924	183

FONTE: MELO, V.G. *A imigração italiana...* p.100

(a) Aqui estão incluídas as oficinas de confecção e reparação.

Vale salientar ainda que a passagem da ferrovia por São Carlos, gerou atividades de produção e de manutenção a ela complementares: oficinas e fundições para reparos e construção de peças para a ferrovia; e uma fábrica de dormentes, de propriedade de um imigrante português, criada em 1911 e desativada em 1920.

Com respeito à força de trabalho empregada nas indústrias de São Carlos, não foi possível obter dados estatísticos relativos ao contingente aqui instalado⁶⁵. É

⁶⁵ Segundo consta, no final do século XIX, início do atual, esse contingente era formado sobretudo, por remanescentes dos primeiros posseiros; descendentes de imigrantes de colônias oficiais falidas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo; filhos de pequenos proprietários ou de agregados de Minas Gerais e de outras partes de São Paulo e de alguns imigrantes fugidos das secas nas regiões do Nordeste. Alguns imigrantes estrangeiros também integravam esse contingente. Conf. DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. p.119.

bastante provável que a maior parte desses trabalhadores estivesse ligada ao subsetor da construção civil (em 1915, por exemplo, existiam na cidade 7 empresas de construção civil); às unidades urbanas de beneficiamento de café e cereais; a Fiação e Tecelagem Santa Magdalena (em 1916, Companhia Fiação e Tecidos São Carlos) e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Em relação às unidades produtivas incorporadas ao 3º segmento, vale salientar que as que mais empregaram trabalhadores assalariados eram a indústria de móveis Germano Fehr, aberta por volta de 1917, e as serrarias de Abel Giongo e Santa Rosa; esta última, em 1916, com "60 operários na empresa e 120 no sertão"⁶⁶.

Em 1917, a Companhia Fiação e Tecidos São Carlos empregava por volta de 220 operários

"...entre homens, mulheres e crianças...viver de trabalho árduo, contentando-se com salários que bastassem apenas para os primeiros e imprescindíveis gastos..."⁶⁷

(Esses operários entraram em greve em 1917 e 1919 e, em 1920, a Associação Operária de São Carlos reivindicava uma jornada de trabalho de 8 horas).

Em 1904, os ferroviários da cidade fundaram a Sociedade Protetora das Famílias dos Empregados da Companhia Paulista e a Cooperativa dos Empregados da Estrada de Ferro.

Por outro lado, a influência dos italianos na formação da cidade foi bastante significativa⁶⁸, havendo inúmeras referências a eles como "importantes personagens" no tocante ao impulso e desenvolvimento das atividades industriais e comerciais locais. Estes criaram, no município, várias entidades assistenciais e culturais, tais como a "Sociedade Meridionale Uniti Vittorio Emanuele III" e a "Sociedade Dante Alighieri". A primeira foi fundada em 1900, e tinha como principais objetivos

⁶⁶ SERRARIA Santa Rosa. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 14 jan. 1916, p.1

⁶⁷ BREVE notícia histórica de São Carlos - 1917. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 29 jul. 1945, p.1

⁶⁸ Conf. MELO, V.G. *A imigração italiana*.

"unir as classes operárias, promover-lhes o sentimento do dever e o desenvolvimento das virtudes cívicas, instruir, educar e socorrer os associados"⁶⁹

Segundo depoimentos de estudiosos e moradores antigos da localidade, essa associação congregava a população italiana de menor poder aquisitivo, enquanto que a "Sociedade Dante Alighieri", fundada em 1902, aglutinava os imigrantes de situação econômica privilegiada.

Assim, sob a égide da economia cafeeira, São Carlos se transformara em uma cidade bastante diversificada socialmente. De local exclusivo de residência da classe dominante (a burguesia agrária), esse núcleo urbano passa, sobretudo, no início do século atual, a conter também outras categorias sociais, particularmente, a pequena burguesia industrial e comercial e a classe operária nascente. O espaço social urbano portanto, não é mais um só, mas se torna heterogêneo, se diversifica e se amplia.

Contendo 1.100 prédios em 1891, a cidade comportava, nesse ano, três bairros (Santa Cruz, Estação e Matriz), os quais foram se conformando segundo a inserção de classe da população que aí se instalava.

"Assim, as quatro faces do pátio começaram a se fechar de casas de fazendeiros enriquecidos pelo café... A zona residencial rica e elegante circunscrescia-se, em 1894, às proximidades do pátio da Matriz, estendendo-se pelas ruas margeantes, Visconde do Pinhal, Treze de Maio, Dona Alexandrina e Episcopal... Ali também estava o comércio de luxo, modas, jóias e preciosidades raras importadas da Europa...: "Ao Espelho Crystal (louças e bijouterias), "Joalheria Parisiense" (pedras preciosas e jóias com ou sem brilhantes), "Joalheria e Ourivesaria" (faz qualquer adereço e medalhas com brilhante e faz óculos e "pince-nez de ouro e prata), "Loja das Flores"..."⁷⁰

⁶⁹

ALMANAQUE de São Carlos - 1905.

⁷⁰

NEVES, A.P. *O jardim público...* p.34

Ultrapassando o córrego do Gregório, ao sul, ao longo da Rua General Osório, se localizavam as famílias de artesãos e pequenos comerciantes, com suas empresas montadas nas próprias residências.

A sudoeste, próximo à estação ferroviária, começava a se instalar o pequeno contingente de força de trabalho; inicialmente com a predominância dos empregados da Companhia Paulista e, posteriormente (segunda década do século atual) com a presença crescente de trabalhadores industriais das unidades produtivas que iam se instalando ao longo da ferrovia. Parte dessa região, além da ferrovia, incorporada ao perímetro urbano em 1905, e parcela territorial inicial do futuro subdistrito de Ana Prado, se constitui como o primeiro bairro estritamente operário da cidade e como a primeira zona industrial. Em 1915, a Vila Prado comportava por volta de 20 quarteirões, e a área próxima, limítrofe à ferrovia, algumas indústrias tais como "Fiação e Tecidos São Carlos", uma fábrica de dormentes, unidades de beneficiamento de café, a serraria de Abel Giongo e a fábrica de móveis de Germano Fehr (ver mapa nº 2).

*

*

*

Nos últimos anos do século passado, início do atual, a cidade de São Carlos, espaço reflexo da economia cafeeira, "nascida à sua imagem e semelhança", já começava a apresentar uma dinâmica que, ainda integrada/colada aos movimentos econômicos do café, apontava para uma futura autonomia urbana relativa. O núcleo urbano de São Carlos, assim como vários outros surgidos nesse mesmo contexto, despontava como um espaço também de produção e não mais apenas de distribuição/circulação de mercadorias. Na verdade, os elementos físico territoriais e as novas relações sociais engendradas no momento histórico da hegemonia econômica do café vinha, contraditoriamente, criando as condições para que a cidade enfrentasse a desestruturação geral da economia cafeeira.

CAPÍTULO II

O COMPLEXO CAFEEIRO SE TRANSFORMANDO DA CAFEICULTURA
À INDUSTRIALIZAÇÃO

1. MODIFICAÇÕES NAS ATIVIDADES RURAIS E NA FORMA DE OCUPAÇÃO DA TERRA

A medida que a lavoura cafeeira se interiorizou no território do Estado, organizada naquelas três faixas (Conf. Cap.II, p.), a produtividade decrescente nas zonas antigas acabou desembocando na imposição de uma reestruturação da produção agrária nessas regiões; uma relativa desconcentração fundiária e um redirecionamento do desenvolvimento agrícola.

O esgotamento das terras aliado as crises sucessivas de superprodução do café, determinaram, na verdade, a derrocada da hegemonia cafeeira. Se de um lado, o esgotamento das terras implicava aumentos no custo da produção agrícola, de outro, as injunções econômicas havidas no período, e seladas pela crise de 29, impossibilitavam um efetivo cálculo econômico e desestimulavam investimentos crescentes na lavoura cafeeira.

Com efeito, a partir da década de 20, iniciou-se um processo de fragmentação das terras rurais em algumas regiões do Estado de São Paulo, o qual se intensificou a partir da crise de 29¹.

Vários fazendeiros se viram na contingência de vender suas terras, o que se aliava às circunstâncias engendradas pela própria economia cafeeira. Na verdade, os movimentos econômicos produzidos, criaram tanto uma camada potencialmente compradora de pequenas propriedades - sobretudo os imigrantes da classe média urbana que tinham conseguido acumular algumas riquezas, desenvolvendo atividades econômicas urbanas

"como um mercado urbano crescente para produtos de outras culturas que não o café - o que vinha viabilizar a existência de pequenos

¹ Conf, OJTAKÉ, M.F.G. *O processo de urbanização...* p.52-8. A autora remete à uma bibliografia específica sobre o tema.

proprietários. Deste modo, na esteira do café transformava-se a estrutura agrária: aumentava o número de pequenas propriedades, diversificava-se a pauta de produção agrícola e aumentava a pecuária de leite."²

Contudo, o processo de parcelamento das terras rurais não foi promovido apenas por fazendeiros, mas também e, sobretudo, por empresários imobiliários. Assim, no contexto de uma conjuntura favorável a comercialização de pequenas extensões de terras, formaram-se várias companhias - em geral, compostas parcial ou integralmente por capitais estrangeiros - que adquiriam grandes glebas rurais, inclusive fazendas em áreas decadentes, e vendiam os lotes resultantes dos parcelamentos, a ex-colonos (excepcionalmente), a imigrantes recém-chegados e, sobretudo a imigrantes da classe média urbana; tanto nas zonas antigas quanto nas pioneiras³.

No município de São Carlos, a Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização - a CAIC (criada por um grupo que incluía fazendeiros, banqueiros, industriais, comissários de café, negociantes e profissionais liberais) adquiriu, na década de 30, algumas extensões de terra. Parte foi loteada e parte foi explorada pela própria companhia. Em 1951, a CAIC era proprietária de 1.342 alqueires distribuídos por várias áreas do município: região próxima a Estação Conde do Pinhal; "Sesmaria Laranjal", Babilônia e Hipódromo"⁴, onde, desde o final da década de 30, de

² Id., *ibid.*, p.52

³ Depois da crise de 29, surgiram três importantes companhias: a) a BRATAC-Sociedade Colonizadora do Brasil; b) a Companhia de Terras do Norte do Paraná e c) a Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização - CAIC, adquirida em 1934 pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A BRATAC, companhia de capital japonês e fundada em Tóquio em 1927, tinha o objetivo de impulsionar a imigração japonesa. A Companhia de Terras do Norte do Paraná foi fundada em 1925 e era subsidiária da "Brazil Plantations Syndicate Limited", sediada em Londres. E a CAIC foi criada em 1928, e era uma companhia de capital nacional. Conf. OHTAKE, M.F.G. *O processo de urbanização...* p. 53-56.

⁴ Conf. TAXA de conservação de estradas. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 17abr.1951, p.3

envolvia sobretudo, a plantação de eucaliptos.

O retalhamento das grandes propriedades, no município de São Carlos pode ser vislumbrado na tabela seguinte.

III.1 ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS

ANO	TOTAL	% CRESCIMENTO
1901	267	
1905	313	17,2%
1915(a)	313	0.0%
1924	315	0.6%
1934	481	52,7%

FONTES: MELO, V.G. *A imigração italiana...*p.99

(a) *Almanach de São Carlos*.1915, Sebastião Camargo.

Pode-se afirmar que houve um efetivo fracionamento de propriedades em São Carlos. Grandes cafeicultores da região, como por exemplo, os fazendeiros da família Botelho, venderam suas terras para abrirem propriedades agrícolas nas áreas pioneiras. Outro exemplo foi o de Bento de Abreu Sampaio Vidal, também grande fazendeiro da região, o qual comprou, na primeira metade da década de 20, uma gleba de 3.600 alqueires, abrangendo uma área onde posteriormente (por volta de 1926/27) se localizaria um dos três patrimônios que compuseram inicialmente o núcleo urbano de Marília⁵.

Contudo, é provável que o aumento no número de propriedades, de 1924 a 1934, tenha sido até certo ponto ilusório. Pois, sobretudo na década de 30, vários posseiros resolveram regularizar as suas propriedades em face da "pressão exercida por grileiros moradores da cida-

⁵ Conf. OHTAKE, M. F.G. *O processo de urbanização...* p.123
124.

de"⁶.

Por outro lado, "os grandes fazendeiros associavam em suas terras o café e a pecuária: café no espigão e gado nas terras baixas do vale "⁷. As terras impróprias para o café eram, muitas vezes vendidas a pequenos proprietários ou simplesmente ocupadas por posseiros.

Em São Carlos, na segunda década do século atual, momento em que o café já apresentava sintomas de decadência, encontrava-se, na maioria das grandes fazendas, a convivência da lavoura cafeeira com a pecuária. Assim, os grandes cafeicultores tais como José Augusto de Oliveira Salles, José Rodrigues Sampaio, Pedro de Souza Campos, João Evangelista de Toledo entre outros, empreendiam plenamente essas duas atividades.

No que se refere ao desenvolvimento local das atividades agrícolas, surgiram tentativas de implementação de culturas diversas, embora o café continuasse a ser cultivado paralelamente nas grandes fazendas, onde houve o ensaio de lavouras substitutivas.

Já em 1917, por exemplo, Alfredo Ellis, importante fazendeiro de café no município, empreendeu uma tentativa frustrada de plantação de arroz por sistema de irrigação (o que era inovador, na época, para a região). Na década de 20, o tomate foi produzido em escala relativamente significativa, sendo cultivado principalmente por pequenos proprietários. Ainda, nas décadas de 20 e 30, a produção de banana, abacaxi e laranja, particularmente por pequenos proprietários, e o cultivo do algodão, sobretudo em grandes propriedades, tiveram uma importância relativa no município.

O algodão se colocou como um produto estratégico no momento histórico de transição para a hegemonia econô-

⁶ DEAN, W. *Rio Claro...* p.179. Embora o autor esteja aqui se referindo à cidade de Rio Claro, não há porque concluir que a euforia da especulação imobiliária com as terras rurais, também estivesse acontecendo nas outras regiões do Estado, objeto de fragmentação das propriedades agrícolas aí contidas.

⁷ OHTAKE, M. F. G. *O processo de urbanização...* p.52

mica e industrial. Nas décadas de 20, 30 e 40, ele ocupou uma posição de destaque, em âmbito nacional, como matéria prima para as unidades fabris de tecidos e de alimentos e como produto de exportação. Todavia, a sua importância como produto estratégico, a medida em que foi sendo gradualmente substituído pelas fibras artificiais, na indústria textil, pela soja, na indústria de óleos alimentícios; e, superado pela diversificação na pauta nacional de exportação, havida com a instauração definitiva do processo de industrialização, na década de 40⁸.

Em São Carlos, a cotonicultura chegou a ocupar significativa posição: em 1935, o município era o décimo maior produtor desse gênero, na Zona da Paulista. A Companhia Fiação e Tecidos São Carlos, por exemplo, - a mais importante indústria textil do município - adquiriu uma fazenda, no final da década de 20, onde desenvolvia as culturas do café e do algodão. Contudo, nos anos 40, a produção local do algodão começava a apresentar sinais de decadência. Um sintoma disso, foi o fato de que, em meados dessa década, aquela mesma companhia, anunciava na imprensa local, a sua disposição em realizar financiamentos de lavouras de algodão.⁹

Com efeito, todas essas culturas tiveram uma vida efêmera, no município. Na verdade, foi a pecuária quem veio definitivamente, substituir a cafeicultura. Assim, em meados da década de 30, embora essa atividade ainda não apresentasse uma importância econômica local significativa, as pastagens iam, gradualmente, ocupando a antiga área dos cafezais e das outras lavouras; tendência que, inclusive, acaba por logo romper aquela tendência anterior de fracionamento das propriedades rurais. Em 1939, fundava-se em São Carlos a "Cooperativa São-carlense de Leite e Laticínios", a qual visando a organização local da atividade pecuária já integrava, na data de sua criação, 58 pecuaristas do município.¹⁰

⁸ Conf, OHTAKE, M.F.G. *O processo de urbanização...* p.123-4.

⁹ Conf. "ALGODÃO". *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 27.jan.1946 e seguintes

¹⁰ Conf. SEÇÃO LIVRE - Cooperativa Sãocarlense de Leite e Laticínios. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 16 abr.1939, p.3. Há notícias a respeito de uma cooperativa de laticínios, precursora desta, que teria sido fundada em 1934.

De qualquer forma, com a decadência da cafeicultura, os movimentos econômicos locais sofreram um refluxo, o que pode ser melhor visualizado, quando se consulta a imprensa local da época.

"...Ressalta desde logo a decadência da nossa lavoura cafeeira que há 25 annos era a terceira do Estado, logo depois de Campinas e Ribeirão Preto. E essa decadência não tem compensação na indústria do assucar e do alcohol, como em Araraquara, na viti-cultura, como em Jundiáhy, na citricultura, como em Limeira. São Carlos não é grande productor de algodão nem de cereaes. Nossa industria pecuária também é pequena, embora mais da metade do território sancarlense seja de campos que, melhorados, poderiam ser aproveitados em criação e engorda. É verdade que, industrialmente, São Carlos vale mais do que as cidades vizinhas postas em comparação. Mas ainda a esse respeito estamos longde de São Bernardo, Sorocaba, Campinas, Ribeirão Preto e outros centros industriaes do Estado..."¹¹

"...Não se pode ter illusões quanto ao estado em que se encontra São Carlos. Soffremos um período de franca decadência, e não poderá haver bairrista tão ingênuo ao ponto de não reconhecer essa verdade, si bem com pezar...
... A decadência sãoarlense não se limita a penas à lavoura e à indústria pecuária. Extende-se como é lógico, a todo o commercio, e reflecte-se no movimento geral da cidade. Apenas a industria constitue uma certa compensação...
... São Carlos, portanto, já não ocupa mais o lugar que occupava ha algum tempo entre as demais cidades..."¹²

2. MOVIMENTOS POPULACIONAIS E FORÇA DE TRABALHO

Retomando a Tabela II.3, apresentada no capítulo anterior (Ver cap.II, p.), verifica-se que a população do município de São Carlos começou a decrescer a partir

¹¹ AMARAL, Rubens do. O renascimento de São Carlos. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 27 fev.1938. p.1.

¹² CAMARGO, Enéas. À margem do renascimento de São Carlos. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 8 mar.1938. p.1

da década de 40/50. É provável que esse influxo na evolução populacional tenha se iniciado em meados da segunda década do século atual¹³, momento em que a cafeicultura local entrou em franca decadência; momento em que se desencadeou um processo de liberação massiva da força de trabalho empregada nas fazendas da região.

Com efeito, a década de 20 foi de grande expansão territorial da lavoura cafeeira. O café avançou pelas áreas ainda pioneiras do oeste paulista, e norte do Paraná, mobilizando, para aí, um grande contingente de trabalhadores - tanto imigrantes recém-chegados como colonos de zonas de terras esgotadas, onde a cafeicultura começava a entrar em decadência, e onde se modificava a estrutura de produção agrícola.¹⁴

A tabela a seguir apresenta a evolução da população urbana e rural do município de São Carlos.

III.2. POPULAÇÃO URBANA E RURAL EM SÃO CARLOS:1920-1940.

ANO	População urbana		População rural		% urbana	Pop.Total
	Total	Acréscimo	Total	Acréscimo		
1920	15.404		38.821		28,4	54.225
1930	20.791	5.387	30.829	7.992	40,3	51.620
1940	25.746	4.955	22.863	7.966	53,0	48.609

FONTE: Censo demográfico de 1920; MAEYAMA, T. *Familiarization...*p.55

Analisando-se a tabela III.2, percebe-se que, de 1920 a 1940 a população urbana cresceu em 67,1% e a rural sofreu uma queda de 41,1%. Dessa forma, a diminuição da população total do município - de 1920 a 1940, ela decaiu em 10,35% - deveu-se fundamentalmente ao esvaziamento do

¹³ O Almanaque de São Carlos de 1915, acusava uma população estimativa, para 1914, de 60.000 habitantes no município. Se se toma como referência os anos de 1900 (55.729 habitantes) e 1920 (54.225 habitantes), tudo indica que a população em 1914, foi super-estimada. No entanto, essa informação parece ser pertinente, à medida em que ela pode melhor esclarecer a respeito do momento onde houve a inflexão. Conf. Almanach de São Carlos, 1915. p.LXXII.

¹⁴ Conf. OHTAKE, M.F.G. *O processo de urbanização...* p.185

do campo. Essa tabela evidencia também que, parcelas consideráveis do contingente populacional anteriormente fixado nas áreas rurais do município, se dirigiam a outras regiões. Assim, de 1920 a 1934, 32% da população rural que deixou o campo, se mobilizou para outras áreas. De 1934 a 1940, esse índice se elevou a 38%.

Consultando-se a imprensa local, no período analisado nesse capítulo, pode-se obter informações bastante esclarecedoras sobre o processo de esvaziamento populacional do campo. Assim, encontram-se vários artigos que apresentam uma quantificação desse processo; que discutem as repercussões sócio-econômicas dos deslocamentos populacionais no sentido campo-cidade, e que levantam, inclusive, propostas objetivando uma certa reversão dessa situação.

Com o objetivo de apresentar uma melhor visualização desses movimentos serão reproduzidos, aqui, trechos de alguns daqueles artigos.

"Felizmente, estamos abrindo os olhos ante este sintoma alarmante de um sério e profundo desequilíbrio econômico-social, cujos efeitos vimos sofrendo de há muito: o despovoamento do campo e super-lotação das cidades, ou seja, a luta entre o urbanismo e o ruralismo...

... A realidade é esta: as nossas cidades estão se hipertrofiando e a zona rural - pelo menos em certas regiões do Estado - vê sua população continuamente desfalcada pela atração das cidades, e pela tentação das novas terras prometidas do norte do Paraná, autênticas "máquinas pneumáticas" na expressão pitoresca e exata de Sud Mennucci.

Há casos verdadeiramente típicos, como por exemplo o município de São Carlos, antigo grande produtor de café,... e onde se observa esta coisa espantosa: as zonas urbanas e suburbanas têm cerca de 3.000 pessoas a mais do que a zona rural, onde a diminuição dos cafeeiros afugentou famílias, em muitos casos não mais residem em suas propriedades. Até eles foram atraídos para as cidades. As residências das antigas fazendas de café..., hoje são na maioria, simples casarões semi-abandonados ..."¹⁵

"...Ao passo que as fazendas grandes e sólidas, reduziam à metade seu pessoal, os bairros urbanos e suburbanos de São Carlos se superlotavam, apresentando atualmente grande densidade, havendo casas de dois ou três cômodos, em que moram oito ou dez pessoas, na maior promiscuidade e, muitas vezes, na maior miséria. E há sempre falta de casas para alugar, enquanto que nas fazendas abundam os prédios vazios..."¹⁶

Um índice expressivo do êxodo da população rural em São Carlos, é o de que em 1940, existiam, em todo o município, cerca de 500 edificações vagas. Considerando-se que no núcleo urbano estava havendo uma escassez habitacional, é bastante provável que a quase totalidade desses domicílios abandonados estivessem localizados na zona rural¹⁷.

Em outro artigo, o processo de esvaziamento do campo é discutido no contexto de uma problemática mais ampliada.

"O nosso caboclo, o pequeno sitiante, desprotegido e pobre, achacado pela malária e pela poliverminose, num êxodo constante para as cidades, torna-se, forçado pelas circunstâncias, uma vítima do cortiço imundo, de um trabalho superior às suas forças combatidas, nas fábricas e oficinas... Com a sua fuga para o grande centro, abandonada a pequena lavoura, mais escasso se vai tornando o nosso "stock" nos mercados e empórios dos gêneros de uso cotidiano... A solução para tal problema, que dia a dia, se vai tornando angustioso, não reside penso eu, em tabelamentos muitas vezes impossíveis ou fictícios. Precisamos sim, olhar para a nossa zona rural, cuidar do nosso pequeno lavrador, do nosso caboclo, isentando-o de impostos..., ensinando-lhe por meio de técnicas, o melhor meio de cultivar a terra..."¹⁸

Outras propostas levantadas referiam-se basicamente ao loteamento das fazendas, objetivando romper com a tendência à concentração da propriedade rural - a qual,

¹⁶

Idem. O êxodo da população rural em São Carlos. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 8 dez.1940, p.4

¹⁷

Idem. São Carlos e o ruralismo (VII). *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 9 out.1941, p.4

¹⁸

MOURA, Lúcio. Nossos problemas. *O Correio de São Carlos* São Carlos, 27 nov.1941, p.1

no final da década de 30, havia quase que recuperado o grau de concentração anterior, com o desenvolvimento da pecuária no município - e ao incremento da policultura, como consequência da proposta anterior, e como elemento de impulsão de uma canalização de correntes imigratórias para São Carlos.¹⁹

Percebe-se portanto, que as contradições urbanas nesse momento - década de 30 - já começavam a se manifestar de uma forma mais agressiva; contradições que tinham como fulcro aparente o êxodo das populações rurais em direção às cidades, e a consequente intensificação dos problemas urbanos. A cidade, congregando uma população socialmente diversificada e um contingente agora numeroso de força de trabalho, passava a ser um problema; um 'espaço privilegiado' do conflito de classes e de frações de classe.

Com efeito, no momento de transição da hegemonia da economia cafeeira para a hegemonia de um novo padrão de acumulação, as condições econômico-sociais tecidas em momentos anteriores começavam a se cristalizar. Era esse o momento em que os colonos do café se convertiam em força de trabalho urbana; em que o exército industrial de reserva e a população marginalizada começavam a, efetivamente se constituir; processo resultante e determinado pelos movimentos ocorridos no interior de um momento histórico de decadência da hegemonia da estrutura produtiva de base agro-exportadora.

Na cidade de São Carlos, o crescimento do exército industrial de reserva e do contingente populacional de marginalizados, a partir do final da década de 30, fica mais do que patente, quando se consulta a imprensa local.

"Um cidadão entra em um bar para tomar pacatamente seu café, ou senta-se num banco da praça para apreciar o movimento - e eis que chega perto de si uma chusma de engraxates. O cidadão é assediado, importunado, "bombardeado". Verdadeira "blitzkrieg", acompanhada do estribo famoso e impertinente: "Quer engraxar

moço?"²⁰

"...aumentou consideravelmente o número de mendigos, que vindos não se sabe de onde, per^o correm as ruas de nossa cidade... Quanto aos verdadeiros necessitados é comum ouvir-se dizer: "porque não mandam para o asilo esses pobres?" O certo por^oém, é que nosso asilo está superlotado..."²¹

"Perambulando pelas ruas durante o dia, encontram-se freqüentemente indivíduos sadios, cuja presença ali não se justifica. Entretanto, para atenuar a má impressão que causam às pessoas honestas alegam que estão parados por falta de serviço... E agora como naquela época (há dez anos atrás) clama a lavoura pela falta de braços..."²²

Esses e vários outros artigos, publicados particularmente a partir do final da década de 30, manifestavam uma preocupação que parecia ser o problema central: a questão do desemprego. E aqueles que desenvolviam discussões relativas a resolução dessa problemática apontavam fundamentalmente para a necessidade da volta ao campo.

No entanto, o padrão de acumulação até então desenvolvido no Brasil, passava por um processo de modificações profundas; e a expropriação dos trabalhadores rurais de suas condições objetivas de trabalho - o processo de expulsão do campo não ocorria por acaso.

3. EM DIREÇÃO A HEGEMONIA DOS MOVIMENTOS ECONÔMICOS URBANOS

"A Revolução de 1930 marca o fim de um ciclo e o início de outro na economia brasileira: o fim da hegemonia agrário-exportadora e o início da predominância da estrutura produtiva de base urbano-industrial. Ainda que essa predominância não se concretize em termos da participação da indústria na renda interna senão

²⁰ QUER engraxar? *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 30 set.1941, p.1

²¹ MENDICÂNCIA. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 3 jul. 1941, p.1

²² FERREIRA, João Santos. Os sem trabalho. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 2dez.1941, p.2

em 1956, quando pela primeira vez a renda do setor industrial superará a da agricultura, o processo mediante o qual a posição hegemônica se concretizará é crucial: a nova correlação de forças sociais, a reformulação do aparelho e a ação estatal, a regulamentação dos fatores, entre os quais o trabalho ou o preço do trabalho, têm o significado de um lado, de *destruição* das regras do jogo segundo as quais a economia se inclinava para as atividades agrário-exportadoras e, de outro, de *criação* das condições institucionais para a expansão das atividades ligadas ao mercado interno. Trata-se, em suma de introduzir um novo modo de acumulação, qualitativa e quantitativamente distinto, que dependerá substantivamente de uma *realização parcial interna crescente*. A *destruição* das regras do jogo da economia agrário-exportadora significava penalizar o custo e a rentabilidade dos fatores que eram tradicionalmente alocados para a produção, com destino externo, seja confiscando lucros parciais (o caso do café, por exemplo), seja aumentando o custo relativo do dinheiro emprestado à agricultura (bastando simplesmente que o custo do dinheiro emprestado à indústria fosse mais baixo)".²³

Com efeito, o processo de decadência da hegemonia agro-exportadora não engendrou por si só a conversão a um novo padrão de acumulação. Essa conversão não foi *de* terminada unicamente pelas *forças automáticas do mercado*, mas sobretudo pela ação do Estado, redirecionando os *movi*mentos gerais da economia.

"No período de "transição", não apenas não funcionam os automatismos econômicos da base anterior como, mais que isso, *não devem funcionar*, sob pena de não se implementar a nova base. Por isso, os mecanismos de mercado devem ser substituídos por *controles administrativos* cuja missão é fazer funcionar a *economia* de forma *não automática*." ²⁴

²³ OLIVEIRA, Francisco. A economia brasileira: crítica à razão dualista. *Seleções CEBRAP. 1. Questionando a economia brasileira*, São Paulo: 1:7-78, 1975. p.10-11. (Grifos do autor)

²⁴ OLIVEIRA, Francisco. A economia brasileira... p.14

Foi exatamente nesse contexto que o Estado acionou mecanismos no sentido de: a) regular as relações entre o trabalho e o capital - criando uma legislação trabalhista a qual, entre outros aspectos, igualava reduzindo o preço da força de trabalho, bem como facilitava o cálculo econômico empresarial; b) redistribuir os ganhos entre frações da classe capitalista - contra a burguesia agrária e em prol da burguesia urbana (para simplificar); c) investir na produção e d) produzir a infra-estrutura necessária a acumulação do capital industrial, sobretudo energia e transporte e e) abolir a autonomia dos estados, ampliando a unificação do mercado interno e desmantelando a oligarquia rural^{2 5}.

Nos polos urbanos mais dinâmicos do interior do Estado de São Paulo (os herdeiros do auge cafeeiro), esses movimentos industrializantes chegaram com intensidades variadas, dependendo da sua proximidade geográfica a capital do Estado, das regiões onde cada um deles se insere e das peculiaridades locais; embora tivessem se introduzido conjuntamente - por volta de meados da década de 40 - no novo padrão de acumulação que então se instaurava^{2 6}.

A cidade de São Carlos, foi um dos centros urbanos onde esses movimentos, a partir dos anos 40, ocorreram com uma intensidade relativamente expressiva no contexto do conjunto do território paulista.

2 5

Para o desenvolvimento da discussão a respeito do início do processo de industrialização no Brasil e, particularmente em São Paulo, ver, entre outros: CANO, W. *Raízes da concentração...*; DEAN, W. *A industrialização...*; FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 14a.ed. São Paulo, Nacional, 1976; MELLO, J.M.C. *O capitalismo tardio...*; OLIVEIRA, F. *A economia brasileira...*; PEREIRA, L. Carlos Bresser. *Empresários e administradores no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1974; SILVA, L.M.A. *No limiar...*; SILVA, S. *Expansão cafeeira...*; SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1968.

2 6

Sobre essa questão foram consultados: CANO, Wilson. *Raízes da concentração...* e OHTAKE, M.F.G. *O processo de urbanização...*

As atividades industriais que se desenvolveram na região até os anos 20, estiveram sobretudo conectadas à dinâmica econômico social produzida pela hegemonia cafeeira. Na verdade, as inversões havidas no setor industrial aconteciam a partir das condições criadas pela expansão cafeeira; em última instância, como uma resposta às necessidades de acumulação do capital cafeeiro²⁷.

Assim, com a decadência do café, a partir da década de 20 e, sobretudo, dos anos 30, várias pequenas indústrias²⁸ constituídas no momento de auge da economia a gro-exportadora, não subsistiram a desorganização das condições que até então vinham sustentando a dinâmica produtiva urbana local.

A tabela III.3, apresentada a seguir, evidencia que, de 1920 a 1930, a taxa de crescimento dos estabelecimentos industriais em São Carlos decresceu em comparação aos anos anteriores (1901 a 1920); e que de 1930 a 1940, houve uma queda do número total de indústrias. Por outro lado, o número de empresas que foram fundadas nesses anos (1921 a 1930: 57 e de 1931 a 1940: 10 estabelecimentos) foi inferior ao número de empresas fundadas nos anos anteriores; enquanto que o número de empresas desativadas ou incorporadas a outras foi de 54 no período de 1921 a 1940, contra 6 no período anterior (1901 a 1920).

²⁷

Conf. LORENZO, H.C. *Origem e crescimento da indústria...* p.55-74.

²⁸

Vale salientar aqui, que as atividades industriais predominantes nos momentos anteriores à hegemonia urbano-industrial se organizavam em manufaturas e empresas artesanais. "A manufatura e a fábrica distinguem-se da empresa artesanal pelo número de trabalhadores que empregam. Nas duas primeiras, o número de trabalhadores é tal que o proprietário não se ocupa mais diretamente da produção e que a sua subsistência assim como a expansão da empresa não dependem mais diretamente do seu trabalho. Elas são todas as duas empresas capitalistas. Por sua vez, a fábrica distingue-se da manufatura pela importância do capital que emprega; a importância do capital manifesta ao nível do valor uma outra organização técnica do trabalho, caracterizada fundamentalmente pela mecanização. É na fábrica que a separação entre o trabalhador e os meios de produção - chave do sistema capitalista - torna-se uma realidade técnica." SILVA, S. *Expansão cafeeira...* p.82

É muito provável que os principais fatores de terminantes do processo de desativação desses estabelecimentos e de desestímulos ao surgimento de outros tenham sido, em primeiro lugar, os altos impostos municipais e, em segundo lugar, a concorrência com empresas localizadas na capital do Estado e nas áreas próximas²⁹.

De um lado, o peso da política fiscal - um resíduo do período da hegemonia cafeeira - penalizava não só a atividade de produção, mas também as atividades de comercialização; recaindo especialmente

"sobre as atividades dos mascates e dos vendedores ambulantes, responsáveis pela venda de parte da produção local em municípios vizinhos."³⁰

Por outro lado, a concorrência com os estabelecimentos industriais localizados particularmente na cidade de São Paulo e adjacências decorreu exatamente do impulso havido no processo de industrialização assentado na capital; processo intensificado a partir de meados da década de 30, quando as políticas estatais de redirecionamento da economia começavam a ter repercussões na estrutura produtiva e de comercialização, e nos polos urbanos centrais, sobretudo São Paulo.

Com efeito,

"para o conjunto da economia de São Paulo, a crise na lavoura do café levou a uma redefinição de posições, da qual decorreu a aceleração do processo de concentração industrial. Na região analisada, essa redefinição levou à desestruturação do período de crescimento industrial, com base no café."³¹

Por outro lado, não se pode esquecer de salientar que o poder político local era ainda dominado pela burguesia agrária cafeeira, a qual continuou detendo a hegemonia política até 1945 (ver capítulo II, p.). Consta

²⁹

Conf. LORENZO, H.C. *Origem e crescimento da indústria...* p.78-86

³⁰

Id., *ibid.*, p.81

³¹

Id., *ibid.*, p.85

ta-se portanto, que a política fiscal, recaíndo particularmente sobre a burguesia industrial nascente, não era meramente um resquício formal do momento da predominância cafeeira, mas sim, produto de uma luta entre frações de classe.

Poucas das empresas montadas até 1930, sobreviveram.

"As atividades mais "resistentes" foram: carpintarias, fábrica de móveis, olarias e alimentares. As três primeiras puderam sobreviver porque, além de não dependerem de grandes transformações técnicas, permaneciam protegidas por custos diferenciais de transportes: o peso e o volume desses produtos elevariam os preços se eles tivessem de ser comprados em outras regiões. Quanto às empresas alimentares, sua resistência deveu-se à existência de um mercado localizado e ainda à possibilidade de deterioração, caso produtos como pães, doces, sorvetes, tivessem que ser adquiridos em outras regiões."³²

Dentre as empresas que foram fundadas até 1930, as que mais se destacaram e que existem até hoje são a Companhia Fiação e Tecidos São Carlos e a Lápis Johann Faber Ltda.

A Companhia Fiação e Tecidos São Carlos, montada em 1911 com a denominação de Companhia Fiação e Tecidos Magdalena, foi fundada pelos imigrantes Silvério Ignarra Sobrinho (italiano) e Germano Fehr (suíço). Localizada no "bairro industrial de São Carlos", próximo a estação ferroviária, essa indústria empregava, em 1936, 1090 operários³³.

A Lápis Johann Faber Ltda, por sua vez, resultou da compra da indústria de lápis H.Fehr Ltda., a qual foi fundada em 1925 por um grupo de imigrantes residentes em São Carlos, com capital exclusivamente local, e cujo principal acionista era Germano Fehr. No ano de sua fundação - em 1925 - essa indústria empregava 80 operários e vários contramestres alemães e dinamarqueses. Em 1930, com Germa-

³² Id., *ibid.*, p.83-84

³³ Conf. ASPECTOS industriais de São Carlos. Fiação e Tece-
lagem - II. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 13
jan.1938, p.1

no Fehr à frente, ela se associou à indústria alemã Bleisftfabrik Vorm Johann Faber A.G. e, reorganizada, passou a se denominar Lapis Johann Faber Ltda. Contudo, por volta de 1950, empregando 500 operários e funcionários, ela passou a pertencer exclusivamente, "às firmas brasileiras Indústria e Comércio Germano Fehr S/A; Indústria e Comércio Daco do Brasil S/A e Sociedade Civil L.Faber Ltda."³⁴

Por outro lado, embora os movimentos econômicos em São Carlos no subperíodo analisado, estivessem passando por um refluxo, constata-se, sobretudo no final da década de 30, que o aparecimento de atividades industriais de certo vulto se traduzia em um indicador da reorganização das atividades econômicas do município.

As principais indústrias fundadas na segunda metade dos anos 30, foram as seguintes: Irmãos Pellicano (beneficiamento de café); Facchina & Filhos Ltda. (beneficiamento de algodão); Tecelagem São Carlos (posteriormente em 1946, Fiação e Tecelagem Germano Fehr S.A.); fábrica de produção de adubos de Nicolino Pileggi; S.A. Indústria Giometti (pregos, peneiras e telas de arame); Cooperativa de Laticínios São Carlos Ltda. (leite pasteurizado e manteiga); fábrica de produção de tamancos e cadeiras de Arnaldo Antonioli; Companhia Industrial de Artefatos de Madeira e Ferro de propriedade de Silverio Ignarra Sobrinho (camas, cadeiras e poltronas); duas fábricas de camas e cadeiras (uma de propriedade de Nicolino Pileggi e outra de José Moraschi)³⁵.

Em 1945, a Fiação e Tecelagem Germano Fehr S.A. empregava 377 operários, e as nove indústrias restantes, ocupavam, em média, 23 operários cada uma³⁶.

³⁴ LAPI S Johann Faber Ltda. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 23 maio 1950, p.4

³⁵ Conf, DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. DIVISÃO DE ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO E COMÉRCIO. *Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo*. São Paulo, 1945. p. 912-924.

³⁶ Id., *ibid*.

É interessante notar, no sub-período em análise, que, paralelamente a desativação de numerosas pequenas unidades produtivas, vários dos industriais de maior projeção no município, ampliaram suas instalações e empreendimentos³⁷.

Assim, por exemplo, Silvério Ignarra Sobrinho, proprietário da Companhia Fiação e Tecidos São Carlos, fundou junto com Germano Fehr a Tecelagem São Carlos (em 1937) e a Companhia Industrial de Artefatos de Madeira e Ferro (em 1940). Era proprietário também da Indústria de Camas Colméia Ltda. (fundada em 1942) e da Indústria de Refrigeração Polonor, sediada na capital do Estado.

Germano Fehr, além das indústrias acima citadas, era sócio proprietário da Lapis Johann Faber Ltda. e da Fiação de Seda São Carlos S.A. (fundada em 1941).

Outro exemplo é o de Carlos Facchina. "Grande" industrial, era proprietário entre outras, de uma indústria de fertilizantes (fundada na década de 30 e, posteriormente, em 1942, Indústria Carlos Facchina S.A., produtora de adubos e carbonato) e da Indústria Facchina & Filhos Ltda. (de beneficiamento de algodão e fundada em 1935).

A tabela seguinte apresenta a situação do município de São Carlos em 1940, quanto à população operária, em comparação com a de outros municípios do Estado:

37

As informações contidas abaixo, sobre algumas propriedades industriais, foram retiradas de notícias veiculadas em *O Correio de São Carlos* nos anos de 1937 a 1943 e do D.E.E. Catálogo das indústrias... Embora haja discordância de alguns dados entre as duas fontes, optou-se por utilizar, na medida do possível, ambas as fontes.

III.3. POPULAÇÃO INDUSTRIAL - RELAÇÃO DOS MUNICÍPIOS SEGUNDO A POPULAÇÃO OPERÁRIA: 1940

MUNICÍPIOS	Nº DE OPERÁRIOS	% SOBRE O TOTAL DO ESTADO
CAPITAL	215.784	59,6
SANTO ANDRÉ	22.241	6,2
SOROCABA	13.177	3,6
CAMPINAS	6.671	1,9
JUNDIAÍ	6.280	1,7
TAUBATÉ	5.764	1,6
SANTOS	4.005	1,1
PIRACICABA	3.109	0,8
SÃO CARLOS	2.849	0,7
SALTO	2.788	0,7
OUTROS	79.557	22,0

FONTE: SIMÃO, Aziz. Apud KERBAUY, M.T.M. Poder político local... p.44

Com efeito, no final dos anos 30 a estrutura produtiva, em São Carlos, inicia um processo de reorganização; reorganização com base na hegemonia urbano industrial, em detrimento da burguesia agrária.

Na verdade, nos momentos de transição, os embates entre a inter-classe se acirram; e a luta política local entre a burguesia agrária e a burguesia industrial realmente ocorreu. Vale salientar todavia, que esse embate foi, em muito, diluído tanto pelas dissensões havidas no interior da própria burguesia agrária quanto pelas tendências locais dos movimentos econômicos rurais.

De um lado, o poder político local, dominado pela burguesia agrária até 1945, estava dividido.

"O grupo dos Arruda Botelho era o mais "elitista", estando ligado às facções rurais "conservadoras". As novas camadas que vão surgindo com o crescimento do núcleo urbano são atraídas pelo grupo "sallista", que não se pode dizer que seja "modernizador" mas que também não é tão conservador quanto o "botelhistas". Seria uma facção que vai buscar apoio não apenas entre

os agricultores descontentes com o domínio o ligárquico dos Arruda Botelho, mas também no seio da "camada média urbana", em formação, que passa a representar neste momento um contingente eleitoral importante."³⁸

Em um artigo publicado na imprensa local, em 1938 lê-se o seguinte:

"...inicialmente, deveríamos promover a pacificação da família sancarlense, tão dividida por dissensões que lhe tiraram a antiga hegemonia da zona..."³⁹

De outro lado, é muito provável que o não desenvolvimento de uma cultura substitutiva do café na área (ver p.), tenha tornado a burguesia agrária um tanto mais vulnerável à penetração de outras atividades econômicas, no município.

Com efeito, a existência de um espaço político e econômico local para a burguesia industrial nascente - a qual, a partir de 1920, passava a ser representada pelo Partido democrático (ver p.) aliado às orientações das políticas governamentais de âmbito nacional e estadual, foi providencial à consolidação dessa nova camada social, no município.

Assim, na esteira dessas relações sociais, a Prefeitura Municipal de São Carlos, em 1938 encabeçada pelo líder da facção "sallista" (Carlos Camargo Salles) resolveu conceder isenção de impostos e de taxas "às indústrias estabelecidas ou que se estabelecerem", fixando a localização das novas indústrias, "para atender à segurança da população e à formação do bairro industrial da cidade."⁴⁰

³⁸

KERBAUY, M.T.M. *Poder político local...* p.80

³⁹

AMARAL, Rubens. O renascimento de São Carlos. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 27 fev.1938, p.1

⁴⁰

ATO nº 488. A Prefeitura concede favores às indústrias locais. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 3 jan.1939, p. 1. O Ato nº 488 foi precedido pelo Ato 461, de 17 de maio de 1938, e assinado por José Fonseca Teixeira de Barros (prefeito do município, nesse momento, e membro da facção "botelhistas"). Esse ato foi o primeiro, no município de concessão de favores às indústrias locais. Porém, ele não chegou a ser implementado.

"O ato 488... veio animar a vida industrial da cidade. Talvez o futuro de São Carlos esteja ligado às nossas indústrias, mais do que à lavoura... Não só a grande indústria deve ser cuidada; também a pequena indústria é rendosa para a cidade, principalmente se se fizer vendas a varejo no comércio, de artigos fabricados aqui mesmo."⁴¹

4. POPULAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Como ficou apontado anteriormente, a população urbana de São Carlos, no período de 1920 a 1940, sofreu um acréscimo significativo em comparação com a população total do município, a qual decresceu nesse período. Tudo indica que essa dinâmica demográfica no contexto da cidade, tenha sido determinada pelos deslocamentos populacionais do campo à cidade; deslocamentos responsáveis (responsáveis aparentemente) pela conformação da força de trabalho urbana local (ver tópico 2 desse capítulo).

Com efeito, a falta de oportunidades de trabalho no campo, aliada a um processo de concentração das propriedades rurais, sobretudo a partir da década de 30, desembocou em um movimento de expulsão da população ligada à agricultura. E a migração rural-urbano acabou induzindo uma expansão do polo urbano de São Carlos, independentemente mesmo de uma dinamização proporcional dos setores industrial e comercial formal.

O setor industrial, discutido no tópico anterior, começou a se reorganizar na segunda metade da década de 30, em um processo de desmantelamento de grande parte dos "pequenos" estabelecimentos industriais que não conseguiram resistir à crise, e de surgimento de unidades produtivas estruturadas com base no trabalho assalariado e requerendo um maior volume de capital para a sua constituição.

⁴¹

DESENVOLVIMENTO industrial. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 5 jan.1939, p.3.

Quanto ao setor comercial, este nunca teve uma significação econômica relativa no município^{4 2}.

"Rigorosamente, jamais foi esta cidade um centro comercial de grande projeção, e isto explica-se pelo fato de São Carlos nunca ter sido "boca de sertão". Nos primórdios de seu povoamento, Araraquara já era uma cidade florescente, servicora comercial de toda esta parte da província... Com a crise, São Carlos passou da economia agrícola para a de tipo industrial... ao mesmo tempo em que se caracterizava como centro escolar e estudantil, possuindo mais de uma dúzia de repartições públicas."^{4 3}

Em face das colocação acima levantadas, é bastante provável que uma parcela da população egressa do campo, não conseguia se inserir no mercado de força de trabalho urbano. Não foi possível encontrar dados estatísticos a respeito. Mas o exame de artigos de jornal publicados na época, evidencia que esse contingente populacional (certamente não muito numeroso) ou optava pela mendicância, ou se deslocava para centros urbanos mais dinâmicos ou procurava se inserir no mercado urbano local como autônomos (ver tópico 2 desse capítulo). Na verdade, essa forma alternativa de inserção no mercado urbano, comercializando mercadorias ou prestando determinados serviços (os vendedores ambulantes, os engraxates, etc) é típica dos centros urbanos brasileiros mais dinâmicos (para não ir mais longe). Começou a ter relevância - sobretudo nas metrópoles - e ser objeto de análise de vários estudiosos, a partir da década de 60^{4 4}. Todavia, é interessante notar que a cidade de São Carlos

^{4 2} São Carlos, ainda hoje não se constitui como um centro comercial de expressão. Esse núcleo urbano é comercialmente polarizado pela cidade de Araraquara e, sobretudo, por Ribeirão Preto.

^{4 3} CAMARGO, Enéas. São Carlos e o ruralismo - II. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 28 set. 1941, p.4

^{4 4} Para um aprofundamento dessa temática ver entre outros: KOWARICK, Lúcio. Capitalismo, marginalidade urbana e dependência. *Estudos CEBRAP* 8, São Paulo, 1974; OLIVEIRA, F.A. A economia brasileira...; BERLINCK, MANOEL T. *Marginalidade social e relações de classes em São Paulo*. São Paulo, Vozes, 1975; SCARFON, M.L. *Crescimento e miséria*. São Paulo, Símbolo, 1979. Esses autores remetem a uma vasta bibliografia sobre o assunto.

10.11.1979, Araraquara, Araraquara. O povo de São Carlos
Araraquara, 10.11.1979

(além de outras cidades, obviamente) foi palco dessas *atividades não-capitalísticas* do setor terciário, na década de 30/40; devido, talvez a existência de um mercado de consumo capaz de absorver essas atividades, de um setor produtivo em ascensão e devido a existência de conexões várias com a capital do Estado. No entanto, consulta realizada em vários jornais da imprensa local evidenciou que, posteriormente (até 1970, pelo menos), o sub-emprego, na cidade, deixou de ser relevante, e emergia apenas, em momentos pontuais de crise conjuntural da economia.

Por outro lado, a força de trabalho local, empregada nas indústrias e também na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, se organizava, no final da década de 30, em torno de três grandes sindicatos: 1. Sindicato dos Ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, resultante da fusão, em 1938, de dois sindicatos: o de Operários Ferroviários da Companhia Paulista com sede nesta cidade, e o de Empregados da Companhia Paulista, com sede em Campinas; 2. Sindicato dos Operários em Fiação e Tecelagem, fundado em 1937 e 3. Sindicatos Reunidos, que agrupavam a maioria dos operários locais. Contudo, tutelados pelo Estado desde 1930 e, sobretudo, a partir de 1937, sem espaço para uma atuação política, esses sindicatos não influíam em nada nas decisões locais; nas decisões referentes aos seus interesses de classe^{4 5}

"...Já vão longe aqueles dias em que nossa população não compreendendo o quanto se deve a essa massa produtora, interpretava a palavra "sindicato" como um núcleo de terríveis anarquistas. O operariado encontra hoje aqui um ambiente acolhedor, e, amparado por uma organização sindical modelar, que constitui um dos melhores frutos da política social do atual governo, será sempre para a nossa terra um fator de ordem e progresso."^{4 6}

^{4 5}

Não há intenção de discutir essa questão no presente trabalho. Para melhores esclarecimentos consultar, por exemplo ALENCAR, Francisco et alii. *História da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1970. p.271-275.

^{4 6}

CAMARGO, J. Egberto. São Carlos, cidade industrial. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 17 set. 1938, p.1. (Grifos meus).

Outra categoria social em ascensão no município era a burguesia industrial. É interessante notar que esse grupo social era composto basicamente por imigrantes europeus, que chegaram ao Brasil no final do século XIX, início do século XX, e que se instalaram diretamente nas cidades. Com efeito, eles não se confundiam com a massa de trabalhadores estrangeiros destinada a trabalhar nas lavouras de café.

Por outro lado, um exame não exaustivo da biografia dos empresários industriais locais mais expressivos, evidenciou que a base de apoio para a burguesia industrial nascente, para o início da acumulação, não foi a empresa artesanal, ou a pequena manufatura, mas o comércio. Assim, integrando-se aos movimentos econômicos gerados durante o momento da hegemonia agro-exportadora, industriais locais tais como Silvério Ignarra Sobrinho e Germano Fehr iniciaram suas atividades empresariais comercializando mercadorias. O primeiro foi proprietário da Fornecedora Geral de Mercadorias, e o segundo foi empreiteiro e proprietário de depósitos de madeiras, no município de São Carlos. Além do mais, tudo indica que as primeiras unidades produtivas urbanas instaladas por esses capitalistas locais de vulto, iniciaram-se como *relativas grandes* empresas com base no trabalho assalariado.

Sobre a burguesia industrial local cabe salientar ainda, que ela começou a se organizar efetivamente a partir de 1931, com a fundação da Associação Comercial e Industrial de São Carlos (ACISC). No final da década de 30, a ACISC se constituía como um espaço de defesa dos interesses da burguesia urbana, e como um canal de pressão sobre o poder público, e de participação em algumas decisões político-administrativas locais.

Enfim, as categorias sociais intermediárias (a "classe média) se vinculava particularmente à administração pública, às profissões liberais e sobretudo às escolas existentes no município, como funcionários ou educadores⁴⁷

⁴⁷ São Carlos, desde o início do século se constituiu como um centro escolar, polarizando as cidades próximas. As principais escolas eram a Escola Normal - a qual se implantou aqui, paralelamente à instalação de outras em São Paulo, Campinas e Ribeirão Preto - Grupo Escolar Cel. Paulino Carlos, 2º Grupo Escolar de São Carlos. Essa esco-

Devido à inexistência de dados estatísticos mais precisos a respeito da distribuição da força de trabalho , da distribuição por categoriais sociais e do contingente de sub-empregados no município de São Carlos, optou-se por construir a tabela a seguir, de distribuição da população ativa local.

III.4. POPULAÇÃO ATIVA NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS. 1920 E 1940

	1920			1940		
	H	M	T	H	M	T
AGRIC. E PECUÁRIA	63,2%	64,1%	63,4%	52,7%	53,0%	52,7%
INDÚSTRIA	16,3%	36,7%	18,0%	19,8%	20,7%	20,0%
SERVIÇOS:						
1.COMÉRCIO	6,7%	1,6%	5,8%	7,9%	1,4%	6,6%
2.ADMINISTRAÇÃO	2,9%	0,4%	2,5%	2,6%	5,6%	3,3%
3.PROF. LIBERAIS	1,5%	0,3%	1,2%	0,9%	1,8%	1,0%
4.TRANSF. E COMUN.	9,0%	0,9%	7,8%	10,0%	2,3%	8,5%
5.OUTROS (a)	0,4%	6,0%	1,3%	6,1%	15,2%	7,9%
6.SUB-TOTAL	(20,5%)	(9,2%)	(18,6%)	(27,5%)	(26,3%)	(27,3%)
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
TOTAL (Nº ABSOLUTO)	13.562	2.504	16.066	13.981	3.453	17.434

FONTE: IBGE - Censos Demográficos de 1920 e 1940.

(a) Nesse ítem estão incluídas as atividades de magistério e outros "serviços e atividades sociais".

*

*

*

No final da década de 30, a população se distribuía espacialmente da seguinte forma:

las foram fundadas respectivamente em 1906, 1904, 1919 e 1905. Em 1928 existiam cerca de 4.000 alunos no município, matriculados nas escolas estaduais, municipais e particulares. Conf. ALMANACK de São Carlos de 1928.

"Os que se dedicam ao comércio varejista, vendas a prestações, se agrupam de preferência na rua General Osório e nas proximidades do mercado. Há zonas nitidamente operárias - Vilas Prado, Marcelino, Izabel, Pureza, etc - onde também se situam os ferroviários; e há bairros onde as camadas mais pobres, os indigentes, se encontram em maior número: bairro do Botafogo, parte da Vila Izabel, bairro do Hipódromo (próximo à sub-estação da C.P.), estrada do Arruda, etc. E a população burguesa - funcionários públicos, comerciantes, industriais - dá preferência ao perímetro central, aos bairros da Vila Neri (uma parte), Vila Municipal, etc. Os bairros da periferia apresentam população mais numerosa... A simples observação do movimento dos bondes, nas horas de abertura e de fechamento das fábricas, e na hora do almoço, mostra como a população sancarlense realiza, todos os dias, um fluxo e refluxo dos bairros para o centro, ou de um bairro para outro. O recenseamento (de 1940) mostrou que os bairros da periferia possuem uma população maior e mais densa. Ao contrário, os setores centrais apresentaram uma população menor e menos densa."^{4 8}

Percebe-se, consultando o mapa nº 2, de expansão do perímetro urbano, que o espaço territorial da cidade se estendeu, até 1940, em direção às áreas urbanas identificadas acima como locais de moradia da força de trabalho, do "exército industrial de reserva" (a população subempregada) e dos "marginalizados".

Outra observação a ser feita, a partir do mapa ora consultado, diz respeito a existência de certas áreas não incorporadas ao núcleo urbano, mas contíguas a dois bairros à sudeste do centro urbano (Vilas Marcelino e Santa Izabel). Contudo, essa descontinuidade da mancha urbana se explica pelo fato de que as áreas acima mencionadas, eram ocupadas por duas chácaras: uma de propriedade da família Monteiro e a outra, mais ao sul, de propriedade da família Luftalla. Tanto uma como outra foram, posteriormente loteadas por seus respectivos proprietários. (Essa discussão será retomada no capítulo seguinte).

Quanto à implantação física territorial das unida

des industriais, percebe-se que a sua localização seguiu as tendências, anteriormente verificadas. As indústrias instaladas no sub-período analisado, sobretudo as maiores, se localizavam ao longo da ferrovia - na Vila Prado ou em áreas limítrofes ao centro comercial - e próximas a Estação Ferroviária.

Por outro lado, constata-se que a expansão territorial da cidade foi acompanhada, de perto, pelo aumento da quantidade de construções (ver tabela 1, em anexo). Assim, em 1922, o núcleo urbano continha 2036 edificações; em 1932, 3454; e em 1942, 4578 imóveis construídos, significando um acréscimo da ordem de 69,6% e 32,54% respectivamente.

Vale salientar ainda, que, comparando-se os anos de 1927 e 1942, houve um decréscimo proporcional das edificações supridas pelos serviços públicos de água e esgoto. Com efeito, em 1927, 76,89% do total de imóveis construídos eram ligados às redes de água e esgoto, enquanto que em 1942, esse índice decaiu para 65,84% (ver tabela 2, em anexo).

Na verdade, é muito provável que esse processo de diferenciação interna das condições urbanas, tenha se iniciado a partir do momento em que a cidade deixou de ser o espaço quase que exclusivo da classe dominante, e ainda mais; a partir do momento em que o capital (cafeeiro) deixou de ser, em parte, investido na produção daquelas condições, para (enquanto capital industrial) retornar todo, e ampliado, às próprias unidades produtivas.

*

*

*

Com efeito, a cidade de São Carlos - no contexto de um processo de reorientação de sua estrutura produtiva e de relativa centralização do capital; no contexto de um processo de absorção das pequenas unidades produtivas voltadas ao mercado de consumo local e pouco vulneráveis (pelas razões já apontadas) à concorrência externa - conseguiu absorver e superar a crise. Enfim, as condições sócio econômicas 'e urbanas) engendradas no momento da hegemonia

agro-exportadora - o complexo ferroviário; as casas e es
tabelecimentos bancários locais; os meios de consumo cole-
tivos urbanos; um amplo mercado de força de trabalho e de
consumo - se constituíram como fatores determinantes da so
brevivência pós-crise do município de São Carlos e de vâ-
rios outros centros paulistas que também incorporaram essa
dinâmica.

CAPÍTULO III

INDUSTRIALIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO

1. ENTORNO RURAL E RELAÇÃO CIDADE-CAMPO

Conforme já evidenciado anteriormente, com a decadência da cafeicultura na região, as atividades rurais em São Carlos se voltaram especialmente para a pecuária.

A produção leiteira, atividade que se destacou no município mas que não se constituiu como a solução comum da região onde São Carlos se insere, cresceu em ritmo constante, chegando o município em 1970 a ser uma das maiores bacias leiteiras do Estado.

A tabela a seguir, evidencia, em termos de tendência, as colocações acima levantadas.

IV.1. ATIVIDADE PECUÁRIA NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS 1950 e 1960 (a)

	1950		1960	
	Estabele cimentos	Área	Estabele cimentos	Área
Agropecuária	31,44%	59,88%	64,1% (b)	38,1% (b)
Pecuária	14,26%	13,57%	29,8%	59,2%

FONTE: IBGE. Censos Agrícolas de 1950 e 1960

(a) Os estabelecimentos não computados na tabela são aqueles que desenvolviam outras atividades agrícolas, atividades de extração, atividades de experimentação, etc. Somando-se esses estabelecimentos e áreas correspondentes, totaliza-se 100% em cada uma das colunas

(b) Aqui estão incluídos todos os estabelecimentos que desenvolviam atividades agrícolas e agropecuárias.

É interessante salientar que, embora o município de São Carlos esteja inserido no "quadrilátero da cana", cuja cultura - juntamente com algumas outras substituíram a do café em quase todas as localidades da região, foi a pecuária e não a cultura da cana-de-açúcar, a opção feita para a substituição da lavoura do café, no município. Essa discordância talvez possa ser explicada por intermédio de dois fatores, já em parte discutidos no capítulo 2 desse

trabalho, à p. . Em primeiro lugar, as atividades agrícolas desenvolvidas em São Carlos, ao contrário das de outros municípios próximos, não estiveram, nos seus primórdios, vinculadas à cultura da cana-de-açúcar. Com a decadência da lavoura cafeeira, os municípios que anteriormente já tinham se dedicado à cana-de-açúcar, se converteram novamente em territórios de cultivo desse produto, por intermédio da aplicação de capitais nessa atividade, e, inclusive, da reativação de uma infra-estrutura já existente de equipamentos (os engenhos). Em São Carlos, todavia, não existiam usinas suficientemente próximas ao centro urbano. A unidade mais próxima era a Usina Tamoio que, embora incorporada ao município de São Carlos, durante um determinado período (década de 40), estava muito mais concetada ao município de Araraquara. Em segundo lugar, as terras do município, compostas principalmente de arenito, não são favoráveis ao cultivo da cana¹.

Na verdade, a cultura da cana-de-açúcar só passou a ter importância no município a partir de 1965 e sobretudo, a partir da década de 70, com os estímulos oferecidos pelo Governo Federal, por intermédio do "Pró-Alcool."

Com efeito, as modificações agrícolas havidas no município ocorreram em ritmo mais lento. Nesse processo, o café continuou sendo o produto agrícola mais importante, em São Carlos, quando foi sobrepujado pela cana-de-açúcar em 1965². Esta última cultura, por sua vez, passou a adquirir uma certa significação local com a instalação da Usina da Serra, no final dos anos 40 e da Usina Ipiranga de álcool, na década de 60/70. A primeira, juntamente com a Usina Tamoio, cobria "toda a área de terra roxa no vale do Jacaré, baixo Monjolinho e Can Can, atingindo os altos de Retiro. A outra constituiu-se de um núcleo que se expandiu para os lados de Ararí e Santa Eudóxia."³

¹ Essas duas explicações foram organizadas, conforme aquelas apresentadas por KERBAUY, M.T.M. *Poder político local...* p.42-3.

² Segundo dados obtidos na agência local do IBGE, no ano de 1965 o café contribuía com 20,5% e a cana com 41,5% do valor total da produção agrícola no município.

³ KERBAUY, M.T.M. *Poder político local...* p.50

Dessa forma, em continuidade às tendências acima apresentadas, os principais produtos agrícolas locais são ainda hoje a cana-de-açúcar e o café, seguidos de longe por outras culturas, tais como o arroz, milho, feijão e laranja. Mas, a principal atividade econômica rural no município, é a pecuária, na qual a produção e reprodução de bovinos contribui com 58,9% do valor total da produção rural contra 14,6% e 8,15%, correspondentes a cana e ao café, respectivamente⁴.

Por outro lado, comparando-se a participação do município de São Carlos a de outros municípios próximos - os da Micro Região 242, por exemplo⁵ - observa-se a pequena expressão da agricultura local: detendo 26,73% da população total da região, ele contribui apenas com 5,4% do valor total da produção agrícola, enquanto que Araraquara contribui com 28%. Em relação ao valor da produção pecuária, o município em estudo, ocupa o primeiro lugar na região, contribuindo com 17,9%⁶.

Outra questão a ser levantada diz respeito às supostas relações entre a economia rural e urbana, no município. Salientou-se no tópico anterior que vários dos municípios que se introduziram em um processo de industrialização, a partir dos anos 40, foram suporte do desenvolvimento de atividades agro-industriais, as quais acabaram, de certa forma, conferindo um impulso inicial ao novo padrão de acumulação (de base predominantemente urbana) que então se

⁴ FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS ESTATÍSTICOS - SEADE. *Sistema SIM*. Dados de 1980.

⁵ A Micro Região Homogênea 242 - área delimitada pelo IBGE em 1968 - fica localizada em área central do interior do Estado de São Paulo. É composta pelos seguintes municípios: Araraquara, Américo Brasiliense, Boa Esperança do Sul, Borborema, Dobrada, Dourado, Ibatê, Ibitinga, Itápolis, Matão, Nova Europa, Ribeirão Bonito, Rincão, Santa Lúcia, São Carlos e Tabatinga.

⁶ Conf. SEADE. *Perfil Municipal*. São Paulo, v.5, 1983. p. 87-89. Os dados de população datam de 1982 e os de produção agrícola e pecuária de 1981. Embora 1970 seja o ano limite para os objetivos desse trabalho, alguns dados foram estendidos até datas mais recentes para melhor visualização das tendências presentes no município. Contudo, é preciso salientar que a partir da década de 70, devido talvez aos incentivos propiciados pelo Prô-Álcool, a recuperação da produção agrícola local começou a ocorrer de uma forma mais acentuada.

instaurava. Assim, a diversificação da atividade agrícola, substitutiva da monocultura do café, emergia nesses municípios como fontes de matérias-primas, alimentadoras das indústrias que iam se instalando. Todavia, com exceção da produção industrial de leite e derivados, o processo de industrialização em São Carlos - diferentemente de Araraquara, Piracicaba, Limeira entre outros - pouco se apoiou na estrutura de produção agrícola local tinha uma pequena significação. Com efeito, os setores que mais se destacaram, desde o arranque da industrialização na década de 40, foram o mecânico, o metalúrgico e, posteriormente - década de 50 - o de material elétrico e de comunicações (ver tópico seguinte).

Cabe salientar enfim, que devido ao fraco desempenho da agricultura, particularmente no período de 1940 a 1970, o município de São Carlos não contou com atividades rurais importantes como fonte de trabalho; condição responsável, talvez, pelo fato de que o fenômeno do "bóia-fria" (os trabalhadores volantes na agricultura) não atingisse proporções significativas em São Carlos, pelo menos até o final da década de 60, quando em outros municípios ele já vinha ocorrendo desde a primeira metade dessa década⁷.

2. IMPORTÂNCIA CRESCENTE DA INDÚSTRIA

Paralelamente à inexistência de maior expressão da produção rural no município, observa-se, no período de 1940 a 1970, uma evolução ascendente das atividades industriais tanto no que se refere ao número de estabelecimentos industriais quanto ao crescimento do valor da produção industrial. As tabelas de nº IV.2 e IV.3, apresentadas nas páginas seguintes evidenciam essa afirmação.

Na verdade, como ficou apontado anteriormente, foi a partir de 1940 que a atividade industrial se converteu no principal polo econômico do município de São Carlos.

7

Para melhores esclarecimentos a respeito desse assunto, consultar MELLO, M.C.I. 'O bóia fria...' e SCARFON, M.L. *Crescimento...*

Sintetizando questões já levantadas no presente trabalho, tudo indica que as raízes dessa predominância industrial no município explicam-se por um lado, pela própria lógica de um novo padrão de acumulação que vinha ocorrendo, particularmente no contexto do Estado de São Paulo (ver item 1 desse capítulo) e por outro lado, pelas condições (locais) engendradas em momentos históricos precedentes, e, a partir sobretudo da década de 40, reproduzidas para e em nome da acumulação do capital industrial.

Com efeito, o período que se iniciou na década de 40, constituiu um momento distinto daquele analisado anteriormente. Várias das indústrias que surgiam, a partir daí, eram abertas com o objetivo de atender a um mercado mais amplo do que o local. Obviamente as "pequenas empresas", visando ao mercado local, não deixaram de existir; muito pelo contrário, eram e são a maioria. Contudo, elas começavam a não mais representar a parcela hegemônica do capital industrial, que a partir da década de 40, passava a transcender o âmbito local, para recair em um espaço ampliado⁸.

Segundo as informações constantes no Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo, foram fundadas em São Carlos, entre 1941 e 1945, 62 unidades produtivas urbanas entre pequenas, médias e grandes empresas industriais. Com exceção dos 8 maiores estabelecimentos, essas empresas empregavam em 1945, 185 operários e desenvolviam no seu conjunto uma produção bastante diversificada de bens de consumo; além de algumas exercerem atividades de reparação.

Dos 8 maiores estabelecimentos vale destacar os seguintes: Fiação de Seda São Carlos S.A., com Germano

⁸

É interessante notar contudo, que, contrariamente aos anos de 20 e 30, várias das "pequenas indústrias", sobretudo do têxteis, montadas nas décadas de 40 e 50, conseguiram, posteriormente, se ampliar e se consolidar no mercado regional e inclusive, nacional. Para esclarecimentos mais detalhados sobre a dinâmica da industrialização no município de São Carlos (e também de Araraquara), consultar LORENZO, M.H.C. *Origem e crescimento da indústria...* Especialmente p.86-103 e p.122-129.

Fehr como um dos maiores acionistas; Indústria Carlos Faccnina S.A. (adubos e carbonato); William Sallum & Cia. (meias); Indústria de Camas Colméia Ltda., de propriedade de Silvério Ignarra Sobrinho; Abdelnur & Remaili (toalhas de banho e rosto) e a SANBRA, de capital estrangeiro (beneficiamento de algodão). Essas empresas, adicionadas a uma serraria e a uma indústria produtora de teares, empregavam, em 1945, 498 operários. Todas essas indústrias, além de outras já instaladas anteriormente tinham como principal mercado consumidor o interior paulista e os estados próximos: Minas Gerais, Goiás, Paraná. O mercado estrangeiro era nesse momento, explorado sobretudo pelas "grandes" indústrias locais de fiação e tecelagem⁹.

Dos estabelecimentos industriais montados no período de 1940 a 1945, vale ressaltar ainda, a instalação, em 1942, de uma "pequena" empresa que inicialmente produzia fogões. Essa unidade, inicialmente filial de uma pequena fundição, fabricante de fogões e reparadora de motores, em São Paulo, iria passar, no final da década de 40, por um processo de expansão bastante acelerado. Com efeito, a limitação às importações de motores, durante a II Grande Guerra, incentivou a indústria a se transferir definitivamente para o município e iniciar a produção de motores. Em 1950, ela começou a desenvolver a produção de refrigeradores comerciais e domésticos, e de fogões elétricos, além de dar continuidade à fabricação de compressores para refrigeração. A partir dessa década essa indústria entrou em uma fase de expansão, a medida em que, auxiliada por uma política governamental de crédito (no final dos anos 50), por uma ampliação do mercado consumidor (especialmente na região centro oeste, onde se implantava a nova capital federal) e pelo fato de produzir um material estratégico para a fabricação de geladeiras (os motores), conseguiu contornar a concorrência efetuada por outras empresas do ramo e se afirmar no mercado. A inserção crescente desse estabelecimento industrial no mercado regional e nacional se

constituiu como um elemento propulsor, bastante importante, do surgimento de unidades produtivas locais a ele complementares¹⁰.

Na verdade, o setor industrial de material elétrico e de comunicações, em São Carlos, originou-se com a expansão dessa empresa, cujo proprietário, Ernesto Pereira Lopes - morador local, médico e militante político - foi fundador e acionista da Companhia Brasileira de Tratores - instalada em 1960, e atualmente uma das mais importantes indústrias locais de exportação - e fundador da SICOM - montada em 1968 e, resultante de uma fragmentação da indústria de compressores e geladeiras em algumas unidades.

Outras indústrias de amplitude nacional e internacional montadas a partir de 1945 foram por exemplo a Fábrica de Tapetes, de capital originariamente suíço, montada em 1951, empregando inicialmente mais de 100 operários; a Indústria de Conservas Alimentícias Hero de capital estrangeiro e fundada em 1962; e posteriormente - início da década de 70 - a Wirth Latina (perfuratrizes de grande profundidade) e a Nestlé, ambas de capital estrangeiro, e a Indústria Cardinalli (tubos de P.V.C. para construções, e componentes plásticos) de capital local.

Embora, as indústrias de exportação sejam numericamente minoritárias em São Carlos, elas obviamente têm uma importância bastante expressiva no valor total de produção industrial. Consultando-se a tabela IV.4, na página seguinte nota-se que, no período de 1957 a 1970, os setores que mais se destacaram foram o de material elétrico e de comunicações - a queda em 1970 se deve ao fracionamento da empresa de compressores e geladeiras em outras unidades produtivas - o setor mecânico, a partir de 1967; o setor têxtil e alimentar - composto de várias pequenas e médias empresas - e o setor metalúrgico, que segundo os dados constantes do sistema SIM - SEADE, passou a ocupar o segundo lugar em 1975, precedido pelo setor mecânico.

No início da década de 70, a economia urbana local estava baseada em indústrias de bens de produção e in

intermediários (tratores, prensas para indústrias, compressores, balanças pesadas) e na produção de eletrodomésticos, além dos setores textil e alimentar.

*

*

*

Retomando as questões levantadas no início desse tópico, seria interessante desenvolver algumas discussões - mesmo que resumidas - a respeito das condições locais que determinaram o surgimento das indústrias, no município de São Carlos, a partir de 1940/45.

Sabe-se que essas condições estão diretamente relacionadas com a capacidade que um determinado núcleo urbano tem para propiciar a acumulação do capital aí sediado. Essas condições se traduzem basicamente na proximidade de matéria prima, na facilidade de acesso a outras localidades, por intermédio de uma infra-estrutura e de meios de transporte eficientes; na existência de condições urbanas favoráveis à implantação de unidades produtivas e de comercialização de bens e serviços, bem como de condições favoráveis à reprodução da população local (o espaço construído); e na oferta de força de trabalho.

Em relação a primeira condição, vimos que ela não ocorreu totalmente em São Carlos, pois a maior parte das indústrias locais - com exceção de algumas e, sobretudo do setor de produção e pasteurização de leite e derivados - não esteve voltada, pelo menos inicialmente, a transformação de produtos agrícolas desenvolvidos localmente. Com referência às três outras condições, vimos em capítulos precedentes, que elas foram se configurando no decorrer dos movimentos econômicos, que foram se manifestando na dinâmica local de constituição da cidade e de reprodução/destruição da hegemonia cafeeira.

Contudo, para que haja uma continuidade no processo de acumulação e realização do capital, assim como das relações sociais que ocorrem no interior de uma cidade, é preciso que essas condições - pelo menos uma parcela - sejam constantemente reproduzidas. Mas a sua produção e reprodução - pelo fato de, em uma sociedade estruturada em

classes, não se darem igualitariamente - ocorrem e são geradas no contexto de relações de interesses entre grupos e classes sociais os quais se aliam ou se confrontam em função das particularidades de cada momento.

Assim, consultando-se a imprensa local, percebe-se que em São Carlos, existem exemplos em que os operários e capitalistas se aliaram *veladamente* com o objetivo de conseguir certas condições urbanas, tais como - nos anos 50 - um mais adequado abastecimento de energia, a qual passou por uma fase aguda de escassez, no município; e uma solução definitiva para os problemas de enchentes causados pelo córrego do Gregório. Os estratos médios urbanos por sua vez, aliados aos capitalistas locais, reivindicavam na década de 40, às outras esferas governamentais, uma rede rodoviária que melhor conectasse São Carlos a vários centros urbanos do território paulista; ligações aliás, gradativamente realizadas, em função das próprias políticas econômicas governamentais de integração do mercado regional e de prioridade - a partir da década de 40/50 - ao transporte rodoviário. Por outro lado, os setores intelectualizados da população, junto com os capitalistas locais, reivindicavam aos órgãos federais, especialmente nos anos 40/50, o financiamento de casas operárias; nesse momento ainda objeto de preocupação da burguesia industrial. Enfim, todas essas condições se implementadas, acabariam (e acabam) se traduzindo em estímulos à implantação industrial.

É nessa esteira que o poder político local aparece como um dos principais agentes, promotores direta ou indiretamente, dessas condições.

Em São Carlos, com a queda definitiva da hegemonia oligárquica cafeeira em 1945, a burguesia industrial passou a se compor com os estratos médios urbanos a fim de se contrapor à participação política da classe operária, a qual se ampliava cada vez mais. A liderança política local se organizava até 1964, em basicamente três partidos: UDN (União Democrática Nacional), PSP (Partido Social Progressista) e PTN (Partido Trabalhista Nacional). Embora existissem outras agremiações políticas locais, os três partidos acima mencionados eram os mais expressivos no município. O PTN local, resultante de uma dissidência interna no

PTB em 1947, era composto sobretudo por pessoas originárias dos estratos médios urbanos. O PSP congregava, particularmente os empresários e profissionais liberais. E a UDN se organizava em torno da liderança política de Ernesto Pereira Lopes, industrial local e fundador, em São Carlos do Partido Democrático, na década de 20. Esses três partidos, embora mesclados por um comportamento populista - sobretudo o PSP e o PTN - representavam os interesses da burguesia local, e se constituíam, por outro lado, como meros "trampolins" para a ascensão política e econômica de seus líderes.

Ernesto Pereira Lopes, por exemplo, se utilizou em muito de sua liderança política local e de suas influências na esfera nacional como deputado federal, para se afirmar como um "grande" empresário industrial no município, e para intervir a todo momento - e indiretamente - na estrutura de poder local¹¹.

Na verdade, os estímulos ao surgimento e ampliação de indústrias, estavam (e estão!) em muito vinculados à capacidade de acesso das lideranças locais às outras esferas do poder; à capacidade de consecução de transferência de verbas ao município e de obtenção de empréstimos, inclusive particulares.

Com efeito, devido a crônica insuficiência de recursos financeiros no âmbito municipal¹², a necessidade crescente de reprodução de - pelo menos - parte daquelas condições urbanas, e inclusive, a certos interesses locais¹³, as administrações se viam impossibilitadas em ofe

¹¹ Para um melhor esclarecimento a respeito das articulações políticas locais havidas no sub-período em análise, consultar KERBAUY, M.T.M. *Poder político local...* Sobre tudo p.92-136.

¹² Sobre esse assunto consultar por exemplo, SILVA, Fernando A.R. & SILVA, Maria da Conceição. *O sistema tributário e as desigualdades regionais*. Monografia nº 13, Rio de Janeiro, IPEA, 1974.

¹³ Segundo as "várias entrevistas realizadas" por Maria T. M.Kerbaury, "Pereira Lopes sempre pôs obstáculos e impedimentos à vinda de indústrias para o município, pois isto interferiria nas facilidades de mão-de-obra, e no custo da mesma, para as suas indústrias." KERBAUY, M.T.M. *Poder político local...* p.128. Além do mais, constatou-se, por intermédio de consultas em vários números de O Correio de São Carlos que na década de 50 uma das principais preocupações dos industriais locais, além da escassez de energia, era a falta de operários, no município.

recer outros incentivos, de ordem fiscal e financeira, às indústrias existentes ou a se instalar no município. O primeiros estímulos municipais, oferecidos nesse período ocorreram em 1968, quando o processo de industrialização local já havia se consolidado. Nesse ano, a Câmara Municipal aprovou a lei de definição do perímetro da zona industrial (ã sudeste) e de estabelecimento de incentivos e condições para a implantação de indústrias na área então delimitada.

XII. NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO DOS MUNICÍPIOS DA MICRO-REGIÃO 242.

		1950			1960			1970		
	Nº DE ESTA- BELEC.	PESSOAL (CUPADO	OPERA- RIOS	Nº DE ESTA- BELEC.	PESSOAL OCUPADO	OPERA- RIOS	Nº DE ESTA- BELEC.	PESSOAL OCUPADO	OPERA- RIOS	
SÃO CARLOS	186	3.359	2.871	264	4.597	3.682	345	7.235	6.351	
ARARAQUARA	152	3.196	2.633	220	3.576	2.530	261	3.886	3.147	
MATÃO	44	324	253	129	745	589	881	1.504	1.342	
DESCALVADO	35	465	407	59	731	639	56	565	470	
AM.BRASILIENSE	-	-	-	-	-	-	14	317	273	
DEMAIS (12)	203	825	561	271	1.018	671	319	1.870	1.327	

FONTE: Agência do I.B.G.E. em São Carlos. Apud Kerbauy, M.T.M. Poder político local ... p. 54.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Francisco et alii. *História da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979. 339p.

"ALGODÃO". *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 27 jan. 1946 e seguintes. p.4

ALMANACH de São Carlos, 1984. São Carlos, A Empresa d'"O Popular", 1894.

ALMANAQUE de S. Carlos, 1905. Joaquim Augusto.

AMARAL, Rubens do. O renascimento de São Carlos. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 27 fev.1938, p.1

ASPECTOS industriais de São Carlos. Fiação e Tecelagem-II. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 13 jan.1938, p.1

ALMANACH de São Carlos de 1928.

ATO nº 488. A prefeitura concede favores à indústrias locais. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 3 jan.1939. p.1

AURELIANO, Liana Maria. *No limiar da industrialização*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 137p.

BERLINCK, Manoel T. *Marginalidade social e relações de classe em São Paulo*. São Paulo, Vozes, 1975. 152p.

BJORNBERG, Alfredo J.S. & TOLENTINO, Mário. Contribuição ao estudo da geologia e águas subterrâneas de São Carlos. *Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia*, 8(2): set.1959

- BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda. *Grandes de corpo e alma: fundadores de cidades*. São Paulo, Cupolo, 1956.
- BRAGA, Cincinato César da Silva. Contribuição ao estudo da história e geografia da cidade e município de São Carlos do Pinhal. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro (167).
- CAMARGO, Azael Rangel et alii. Nota introdutória sobre a construção de um objeto de estudo: o urbano. *A questão urbana e os serviços públicos*. Estudos FUNDAP nº 1, São Paulo, 1983.
- CAMARGO, Enéas. À margem do renascimento de São Carlos. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 8 mar.1938, p.1
- CAMARGO, Enéas. O êxodo da população rural em São Carlos. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 8 dez.1940, p.4
- CAMARGO, Enéas. São Carlos e o ruralismo. São Carlos, *O Correio de São Carlos*, 25 set., 28 set., 2 out., 5 out., 7 out., 9 out.1941
- CAMARGO, Enéas. Urbanismo versus ruralismo. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 7 out. 1941, p.1
- CAMARGO, J. Egberto. São Carlos, cidade industrial. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 17 set.1938, p.1
- CAMARGO, Theodorico Leite de Almeida. Breve notícia histórica e geográfica sobre a cidade e município de São Carlos. *Almanach de São Carlos*.1915. Sebastião Camargo.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 2.ed. São Paulo, T.A. Queiróz, 1983.
- CASALECCHI, José Enio. *Da Companhia Industrial Agro Pastoral D'Oeste de São Paulo a Cambuy Coffee Cotton Estates* Tese de doutoramento. Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da FFCL de Araraquara, 1973. (mimeo.)

DAMIANO, Octávio C. *O café e os italianos no desenvolvimento da sociedade são-carlense*. São Carlos, 1975. Monografia.

DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. Quadro demonstrativo do desmembramento dos municípios. Quinquênio 1954-1958 6.ed. São Paulo, 1954.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. DIVISÃO DE ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO E COMÉRCIO. Catálogo das indústrias do Estado de São Paulo. São Paulo, 1945. p.912-924.

DEVESCOVI, Regina C. Balieiro. *O Estado e a economia*.

ESTATÍSTICA agrícola do município de São Carlos do Pinhal organizada pelo Club da Lavoura. 1899. *Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo*, 15(161):1017-28. jul.1940.

FERRAZ, Maria Cecília Botelho. *São Carlos e sua fundação*. São Carlos, 1957.

FERREIRA, João Santos. Os sem trabalho. *O Correio de São Carlos*, 2 dez.1941, p.2

FINS do século em São Carlos do Pinhal. São Carlos, 1972 Monografia. (mimeo.)

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS ESTATÍSTICOS. SEADE. *Perfil Municipal*. São Paulo, v.5, 1983. 155p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS ESTATÍSTICOS SEADE. *Sistema SIM*.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. *Poder político local: do coronelismo ao populismo (um estudo de caso: São Carlos)*.

Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC-SP, 1979. Trabalho mimeografado.

KOWARICK, Lúcio. *Capitalismo, marginalidade urbana e dependência*. São Paulo, Estudos CEBRAP 8, 1974.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A economia cafeeira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

LAPIS Johann Faber Ltda. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 23 maio 1950, p.4

LORENZO, Helena Carvalho de. *Origem e crescimento da indústria na região "Araraquara-São Carlos" (1900-1970)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1979. (Trabalho mimeografado)

MAYEYMA, Takashi. *Familiarization of the unfamiliar world. The familia networks and groups in a Brazilian City*. Presented to the Faculty of the Graduate School of Cornell University. (mimeo.)

MARTINS, José de Souza. *Frente pioneira: contribuição para uma caracterização sociológica*. In: *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira, 1975.

MATTOS, Odilon Nogueira. *Café e ferrovias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1974.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio ((contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira)*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, 1975. Trabalho mimeografado.

MELLO, Maria Conceição d'Incao e. *O bôia-fria: acumulação e miséria*. Petrópolis, Vozes, 1976. 3.ed. 154p.

MELO, Vilmo Guimarães. *A imigração italiana e a transformação da estrutura econômica-social do município de São Carlos*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. São Paulo, 1975.

MENDICÂNCIA. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 3 jul. 1941, p.1

MILLIET, Sérgio. *O roteiro do café e outros ensaios*. 4.ed. São Paulo, HUCITEC, 1982.

MOURA, Lúcio. Nossos problemas. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 27 nov. 1941, p.1

NEVES, Ary Pinto das. *O jardim público de São Carlos do Pinhal*. São Carlos, Fundação Theodoretto Souto, EESC-USP, 1983.

OHTAKE, Maria Flora Gonçalves. *O processo de urbanização em São Paulo: dois momentos duas faces*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, 1982. Trabalho mimeografado.

OLIVEIRA, Francisco de. A economia brasileira: crítica à razão dualista. *Seleções CEBRAP 1. Questionando a economia brasileira*, São Paulo, 1:7-78, 1975.

OLIVEIRA, Francisco de. A emergência do modo de produção de mercadorias: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil (1889-1930). In:———. *A economia da dependência imperfeita*. 3.ed. Rio de Janeiro, Graal, 1980. Cap. I, p.9-38

OLIVEIRA, Francisco de. O estado e o urbano no Brasil. *Espaço & Debates*. São Paulo, Cortez Ed., nº 6:36-54, jun/set.82

- PADIS, Pedro Calil. *Agricultura e urbanização no Brasil*. São Paulo, Projeto ADU-FUNDAP, 1978. Trabalho mimeografado.
- PEREIRA, Luís Carlos Bresser. *Empresários e administradores no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1971.
- PETRONE, Maria Thereza S. *A lavoura canavieira em São Paulo*. São Paulo, DIFEL, 1968.
- QUER engraxar? *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 30set. 1941. p.1
- SAES, Flávio Azevedo Marques. *As ferrovias-de São Paulo. 1870-1940*. São Paulo, HUCITEC, 1981.
- SECÇÃO livre - Cooperativa São Carlense de Leite e Laticínios. *O Correio de São Carlos*. São Carlos, 16 abr.1939 p.3
- SCARFON, Maria de Lurdes. *Crescimento e miséria*. São Paulo, Símbolo, 1979. 155p.
- SILVA, Fernando A.R. & SILVA, Maria da Conceição. *O sistema tributário e desigualdades regionais*. Monografias nº 13, Rio de Janeiro, IPEA, 1974.
- SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.
- SINGER, Paul Israel. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1968.
- TAXA de conservação de estradas. *O Correio de São Carlos*, São Carlos, 17 abr.1951, p.3